



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC
HABILITAÇÃO: CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA - CIEMA**

**MITOS E LENDAS E AS POSSIBILIDADES DO TRABALHO
INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ**

Rosilda Alves Coutinho

PLANALTINA – DF

2015

ROSILDA ALVES COUTINHO

**MITOS E LENDAS E AS POSSIBILIDADES DO TRABALHO
INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade UnB Planaltina, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação do Campo na área de Ciência da Natureza e Matemática.

Orientadora: Dr^a Regina Coelly Fernandes
Saraiva

Planaltina – DF, Dezembro de 2015

COUTINHO, Rosilda Alves. Mitos e lendas e as possibilidades do trabalho interdisciplinar na escola da comunidade São José. Planaltina - DF. 2015. 90 f.
Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Dr^a. Regina Coelly Fernandes Saraiva

1. Educação do e no campo e o trabalho interdisciplinar. 2. Mitos e lendas da comunidade de São José. 3. Mitos e lendas e o trabalho interdisciplinar na escola de São José. I. COUTINHO, Rosilda Alves. II. Mitos e lendas e as possibilidades do trabalho interdisciplinar na escola da comunidade São José.

Rosilda Alves Coutinho

**Mitos e lendas e as possibilidades do trabalho interdisciplinar na escola da
comunidade São José**

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado ao curso de
Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade UnB Planaltina,
como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação do Campo
na área de Ciência da Natureza e Matemática.

Banca examinadora:

Planaltina- DF, 11 de dezembro de 2015.

Prof^a. Dr^a. Regina Coelly Saraiva (Orientadora)

Prof^o. Dr^o. Tamiel Khan Baiocchi Jacobson

Prof^a. Dr^a. Dulce Maria Sucena da Rocha

Dedicatória

Ao meu filho Leonardo Alves da Silva, meu principal motivador.

A toda minha família que tanto me deram forças para prosseguir nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por me abençoar muito mais do eu mereço, agradeço pelas as oportunidades que me concedeu nesta vida, pois, já passei por tantas dificuldades, mas elas tornaram minhas vitórias muito mais saborosas. “Mais vale as lágrimas da derrota do que a vergonha de não ter lutado”, essa frase supera todas as dificuldades que já passei na vida e que a cada derrota eu pensava preciso lutar arduamente para vencer os obstáculos do cotidiano e assim sendo, estou recebendo a minha vitória depois de tantas lutas, só posso dizer que valeu a pena fazer das dificuldades degraus para superar a cada derrota e dizer até aqui me ajudou o senhor.

À minha família, especialmente meus pais: Lourivaldo B. Souza Coutinho e Luciene A. Coutinho, por terem me ajudado e me incentivado nas horas difíceis.

Agradeço também ao meu esposo, ao meu filho que toda noite me pergunta mãe qual vai ser a história da noite? Ele sempre foi meu incentivo e ao receber um abraço me dava forças para continuar firme nessa caminhada.

À minha professora e orientadora, Regina Coelly Fernandes Saraiva pela paciência e dedicação para fazer com que este trabalho acadêmico fosse mais uma conquista para a Educação do Campo.

Aos professores da banca examinadora: Tamiel Khan Baiocchi Jacobson e Dulce Maria Sucena da Rocha pela disponibilidade e gentileza de estarem presentes em minha banca.

Ao PIBID Diversidade por nos ajudar financeiramente e nos instigar a docência na formação do educador do campo.

Aos grandes educadores, mestres e doutores do curso Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília (UnB), e que juntos fizeram a diferença para nosso crescimento profissional e acadêmico, nossos eternos professores (as): Tamiel Khan Baiocchi Jacobson, Fábio, Rogério, Susane, Cynara, Andréia, Juliana, Vicente, Paulo Brito, Nathan, Priscilla Copolla, Marcela, Tatiane, Geraldo Eustáquio, Rosineide Magalhães, Eliete Ávilla, Eliene, Osanette, Silvanette, João Batista, Rafael Villas Boas, Luis Zarref, Jair Reck, Djiby Mané, Pasquetti, Regina Coelly, Ana Orofino, Eleusa, Laís Mourão, Livia

Penna, Elisângela, Joelma, Juliana, Joniane e Mônica Molina. Ressaltamos que sem vocês não poderíamos ter chegado onde estamos hoje, um forte abraço a cada um de vocês e o meu muito obrigado de coração.

E em especial a turma 5 – Zumbi dos Palmares, pelo apoio e incentivo, e as minhas amigas que sempre estava do meu lado me auxiliando nos trabalhos e nas horas difíceis na LEdoC.

À todas as turmas da Licenciatura em Educação do Campo desde os egressos às turmas atuais 6,7 e 8, que fizeram e fazem parte deste crescimento histórico da Educação do Campo (EdoC).

E jamais poderia deixar de mencionar os protagonistas deste trabalho de conclusão de curso: Ao povo do povoado São José que me apoiou e me ajudou na hora das pesquisas, e a muitos amigos me deram forças com palavras de ânimo dizendo: Não desanime, por que você é capaz e vai conseguir. OBRIGADO!

Enfim a todos que direta ou indiretamente participaram da construção deste trabalho acadêmico.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo investigou como os mitos e lendas podem ser trabalhos numa perspectiva interdisciplinar no ensino de ciências nas escolas do campo da comunidade São José, Cavalcante – Goiás. A fim de identificar as relações das histórias míticas com o ensino de ciências, abordando temas das comunidades tradicionais e do conhecimento antropológico desde tempos remotos da história da humanidade até os dias atuais, preservando assim a história, memória e identidade de um povo. Através da pesquisa-ação foram desenvolvidas várias aulas interdisciplinares sobre mitos e lendas com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental na escola Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho. Percebemos a relevância dos mitos e lendas para o ensino de ciências, valorizando as culturas locais. O intuito foi identificar como a escola vê e como ela trabalha esse saber tradicional. Revela como os estudantes vêem este tipo de ensino na escola do campo. Consideramos que os modelos de ensino da educação estão sendo limitados pelo currículo, porém há outras formas de se desenvolver atividades diferenciadas e manter os alunos interessados e conhecedor de sua própria história. Este trabalho permitiu chegar a conclusão que os mitos e lendas são saberes antropológicos de suma importância para as próximas gerações, visando o desenvolvimento do trabalho multidisciplinar nas Escolas do Campo.

PALAVRAS-CHAVE: Mitos e Lendas. Ciência. Interdisciplinaridade. História, Memória e Identidade.

ABSTRACT

This study investigates how the myths and legends can work in an interdisciplinary perspective in science teaching in community field schools São José Cavalcante - Goiás. In order to identify the relationship of mythical stories with the the teaching of science, covering topics of traditional communities and anthropological knowledge since the earliest times of human history to the present day, thus preserving the history, memory and identity of a people. Through action research developed several interdisciplinary lectures on the myths and legends with students from 6th grade of elementary school in school Calunga I - Extension John of God Coutinho, we realized the significance of myths and legends to science education thus enhancing local cultures . The aim was to identify how the school and see how it works this traditional knowledge. Falls as students see this kind of education in the school field. Believes that education teaching models are being limited by the curriculum, however there are other ways to develop different activities and maintain the radiant students and knowledgeable of their own history. This work has lead to the following conclusion that myths and legends are anthropological knowledge of paramount importance for future generations for the development of multidisciplinary work in Rural Schools.

KEYWORDS: Myths and Legends. Science. Interdisciplinarity. History, Memory and Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mito: <i>O animal assustador</i>	47
Figura 2 – Mito: <i>A cuca e a arapuca</i>	50
Figura 3 - Mito: <i>O Macaco e o Coelho</i>	54
Figura 4 - Lenda: <i>A mula sem cabeça</i>	58
Figura 5 - Mito: <i>A história do Jabuti</i>	59
Figura 6 - Mito: <i>A Cobra motoqueira</i>	64
Figura 7 - Mito: <i>O irmão sem teto</i>	66
Figura 8 - Mito: <i>O grão de feijão</i>	67
Figura 9 - Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental.....	85
Figura 10 – Alunos do 6º ano fazendo a leitura do mural de desenhos.....	86
Figura 11 – Atividades desenvolvidas na Escola Municipal e Estadual – Esporte (queimadas) – brincadeiras pedagógicas no pátio da Escola e no barracão público.....	87
Figura 12 – Estudantes no pátio da Escola brincando na hora do recreio.....	87
Figura 13 – Mapa da comunidade de São José mostrando a entrada pelo Engenho Queimado e a da entrada pela firma Zeus.....	88
Figura 14 – Placa da entrada do Povoado São José pelo Engenho Queimado.....	89
Figura 15 – Comunidade de São José.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mito e Ciência no Mito <i>O animal assustador</i>	48
Tabela 2 - Mito e Ciência no Mito <i>A cuca e a arapuca</i>	51
Tabela 3 - Mito e Ciência no Mito <i>O Macaco e o Coelho</i>	56
Tabela 4 - Sistematização a partir dos Mitos 4 e 5.....	57
Tabela 5 - Mito e Ciência na lenda <i>A mula sem cabeça</i>	60
Tabela 6 - Mito e Ciência no Mito <i>A história do Jabuti</i>	61
Tabela 7 - Mito e Ciência no Mito <i>A Cobra motoqueira</i>	63
Tabela 8 - Mito e Ciência no Mito <i>O irmão sem teto</i>	66
Tabela 9 - Mito e Ciência no Mito <i>O grão de feijão</i>	68
Tabela 10 - Plano de aula interdisciplinar.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS

AKC - Associação Kalunga de Cavalcante

AKCE - Associação Comunitária Engenho II

AQK - Associação Quilombo Kalunga

CEBEP – Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular

CIEMA - Ciências da Natureza e Matemática

DF – Distrito Federal

EdoC – Educação do Campo

EF – Ensino Fundamental

EM – Ensino Médio

EPOTECAMPO - Associação de Educação do Campo e Comunidades Rurais

FUP – Faculdade UnB Planaltina

GO - Goiás

IOC – Inserção Orientada na Comunidade

IOE – Inserção Orientada na Escola

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

OTP – Organização do Trabalho Pedagógico

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SRE - Subsecretaria Regional de Educação

TC – Tempo Universidade

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TU – Tempo Universidade

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I	22
EDUCAÇÃO <i>DO E NO</i> CAMPO E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR	22
1.1. Metodologia da pesquisa.....	24
CAPÍTULO II.....	29
MITOS E LENDAS DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ.....	29
2.1. Mitos e Lendas contados na comunidade São José	32
CAPÍTULO III	42
MITOS E LENDAS E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR.....	42
NA ESCOLA DE SÃO JOSÉ.....	42
3.1. Escola Estadual Calunga I.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76
Pessoas entrevistados (as) da comunidade São José.....	79
ANEXOS.....	80
ANEXO I: Plano de Aula Interdisciplinar.....	80
ANEXO II: Mural das ilustrações das histórias e socialização com as turmas do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental.....	85
ANEXOS III: Fotos da Escola e da comunidade São José	87

INTRODUÇÃO

A mitologia é uma das formas que o homem encontra para explicar o mundo através de narrativas imaginárias e contar os fatos acontecidos do cotidiano, tanto religiosos, quanto aqueles que se referem aos fenômenos da natureza e do universo.

O mito é um conhecimento antropológico presente no mundo através de heróis míticos, ideias ou fatos acontecidos. O ser humano tem uma necessidade mítica para expressar sua realidade. Segundo Rêgo (1998, p. 1) [...] “na sociedade existem dois modos de pensar aparentemente tão distantes como o mito e a ciência, mas que na realidade podem estar mais próximas do que muitas vezes pensamos”. Tanto ciência como os mitos procuram achar explicações para o cosmo e a vida humana.

A definição de mitos no dicionário Aurélio da língua portuguesa é “Relato sobre os seres e acontecimentos imaginários, que fala dos primeiros tempos ou de épocas heroicas. 2. Narrativa de significação simbólica transmitida de geração em geração dentro de um determinado grupo e considerada verdadeira por ele. 3. Ideia falsa, que distorce a realidade ou não corresponde a ela. 4. Pessoa, fato ou coisa real valorizados pela imaginação popular, pela tradição” (mini Aurélio, p. 499). Já a definição para lenda é “tradição popular. 2. Narração de caráter maravilhoso, em que os fatos históricos são deformados pela imaginação do povo ou do poeta; legenda. 3. Ficção, fábula” (mini Aurélio, p. 453).

Os gregos criavam vários mitos com o objetivo de preservar a memória de seu povo; queriam buscar explicações para tudo, procuravam explicações de coisas complexas que as pessoas da época não conseguiam entender. Essas histórias eram transmitidas para a população de forma oral. Criaram a partir da sua realidade muitos personagens e figuras mitológicas, dentre elas: deuses, heróis, ninfas, titãs, centauros, minotauro. Essas histórias tiveram grande influência na vida e história desse povo. Sêga (2008, p. 1) salienta “[...] procuramos preservar a figura do mito e seu significado na realidade simbólica do nosso cotidiano, como referência para a construção e reconstrução de nossa subjetividade [...]”, portanto, “[...] o mito ainda permanece entre nós, fazendo parte da realidade simbólica dos indivíduos [...]”.

Nas comunidades tradicionais não é diferente. Mitos, contos, fábulas e lendas existem e fazem parte da cultura desses povos. Na comunidade São José, a presença de elementos míticos estão muito presentes e este trabalho pretende apresentar parte deles e como podem dialogar com a realidade da escola e da comunidade.

O depoimento de uma moradora da comunidade, revela como essa tradição está presente na vida daquele povo: “O povo da comunidade de São José conta histórias como uma forma de viver, como um meio de diversão e de jogar conversa fora, com isso os moradores visitam mais uns aos outros e com certeza faz parte da tradição do nosso lugar, é muito forte, faz parte do cotidiano das pessoas e tem um grande valor para a comunidade”.

São José é um pequeno povoado, localizado no município de Cavalcante, Goiás. Fica aproximadamente 85 km da sede municipal. O povoado foi fundado pela família de Dona Edivirge. De origem quilombola, sua família veio de um lugar chamado Choco, localizado entre o Vão do Moleque e Vão de Almas (também no município de Cavalcante).

O povo Kalunga são negros afrodescendentes da África que foram trazidos pelos portugueses para o Brasil para exercer a mão-de-obra da escravidão enriquecendo a corte portuguesa. Com a abolição a escravidão os quilombos se espalharam pelo Brasil e um deles se situa-se no Estado de Goiás na Chapada dos Veadeiros. Os quilombos foram formados por descendentes de escravos refugiados em lugares de difícil acesso, e para os negros africanos significava “resistência, pois, na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado” (COSTA, 2013, p. 11) .

O que sabemos é que essa área ocupada a mais de 300 anos só “[...] foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo governo do Estado de Goiás como Sítio Histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro [...]” (BRASIL, 2001, p. 14). Os municípios de Cavalcante, Terezina e Monte Alegre de Goiás abrigam o maior quilombo do Brasil, com 253.000 ha (COSTA, 2013, p. 15). Há alianças matrimoniais e migrações nestes territórios e para os territórios vizinhos, como é o caso da família de dona Edivirge que são descendentes de negros quilombolas que emigrou de um lugar chamado Choco localizado entre o Vão do Moleque e o Vão de Almas para a região de São José.

A família de Dona Edivirge chegou no local há aproximadamente 150 anos atrás. Foram para São José em busca de novos horizontes. Passaram-se alguns anos e a família cresceu, por meio de casamento com pessoas da região que moravam próximo ao povoado. A família era devota de São José, santo da igreja católica. Essa devoção levou a alteração do nome original do lugar, Capão Seco, para povoado de Capão Seco de São José.

São José tem hoje apenas 43 famílias, que vivem da agricultura e da pecuária. Mas a localidade já chegou a ter umas 300 famílias. A maioria das pessoas foram embora para estudar e buscar melhores condições de vida. Os membros da comunidade São José são unidos por laços de parentesco e formam verdadeiros núcleos familiares.

A comunidade de São José tem diversas culturas que vêm sendo transmitidas ao longo das gerações, e neste trabalho destaca-se principalmente mitos e lendas contados na comunidade e que é uma das tradições mais ricas da comunidade. Hoje, a juventude do povoado não demonstra muito interesse sobre essa tradição e os saberes dos mais velhos. Isso está ocorrendo, devido ao grande fluxo de saída dos jovens de São José, por causa da dificuldade de acesso e de condições para sobreviver no local, como falta de saúde e educação. Alguns jovens vão embora para as capitais em busca de melhorias de vida.

Os mitos e lendas estão presentes na comunidade por meio da memória dos moradores, principalmente os mais velhos. Essa tradição tem sido transmitida de geração a geração e vem sendo contada como forma de jogar conversa fora e se divertir nos fins de tarde, feriados e fins de semana. É um hábito ainda presente nas diversões entre amigos, familiares e visitantes do povoado São José.

Este estudo é pertinente por ter diversas pessoas na comunidade que contam histórias interessantes; trata-se de um conhecimento que está se perdendo por falta de registro. A importância deste trabalho é registrar os mitos e lendas através da oralidade, ou seja, das memórias das pessoas. Saraiva (2010, p. 2) aborda que: “A história oral tem como principal fonte de pesquisa a memória. Ao dar voz a homens e mulheres, a história oral torna possível reconhecer a história em suas múltiplas dimensões. Ela torna viva a relação entre a história, a memória e a identidade”.

Há estudos realizados sobre mitos e lendas nas comunidades quilombolas (BAIOCCHI, 2010), mas não apresentam registros da comunidade São José. Tal fato contribuiu para estimular esse estudo e verificar como mitos e lendas da comunidade São

José podem ser levados para o trabalho da escola da comunidade, que é uma escola do campo Kalunga.

Baiocchi (2010) destaca que a oralidade é uma tradição Kalunga, tendo o importante papel de expressar o modo cultural daquele povo com seus códigos, pensamentos e valores. Por isso, também é intenção da pesquisadora, deixar este trabalho como contribuição para a escola e para comunidade, registros do seu conhecimento tradicional, especialmente porque a comunidade vem passando por algumas rupturas, devido mudanças no modo de vida tradicional. Com isso, muitos conhecimentos fornecidos pelos pais, avós, bisavós, enfim, os ancestrais, estão sendo esquecidos, principalmente os hábitos de contar histórias.

As histórias são importantes para a diversão dos moradores, são momentos de risadas e transmissão de conhecimentos e as futuras/novas gerações precisam valorizar de alguma forma a cultura que ainda está presente na comunidade. Além de registrar histórias contadas pela comunidade, a intenção é que a comunidade tenha acesso ao trabalho por meio de material didático que ficará disponível a todos da comunidade na biblioteca municipal. Pretende-se com a pesquisa chamar a atenção dos jovens da comunidade para a sua importância.

Registrar e preservar aspectos da cultura camponesa é parte do interesse da pesquisa. Para isso pretende-se fazer um trabalho de preservação da memória para resgatar os saberes da comunidade. A memória busca captar as histórias do passado para se constituir o seu presente, através da pesquisa oral buscamos resgatar essas memórias e registrá-las de forma que ficarão guardadas para as futuras gerações.

Espera-se que este trabalho contribua no resgate e no registro da história da comunidade São José e sirva para conscientizar os moradores sobre seu papel de construtores da sua própria história, ou seja, protagonistas do conhecimento tradicional popular, herdados dos seus ancestrais e que eles mesmos venham dar continuidade nesse resgate das histórias orais.

A educação do campo procura aperfeiçoar o ensino para professores de forma que possa ajudar no aprendizado dos estudantes *do* e *no* campo, interagindo com a realidade, o trabalho, a cultura, saberes e fazeres do camponês e respeitar as especificidades de cada sujeito. Portanto, a escola precisa trabalhar com esses mitos e lendas para a valorização e

fortalecimento desses saberes, assim, as próximas gerações ficarão a par desses conhecimentos tradicionais existentes na comunidade.

O papel da escola do campo é trabalhar com a valorização das culturas locais e regionais como forma de fortalecimento da identidade camponesa (Art. 26 – A, da LDB). A escola é um espaço formativo, discutir o ensino do saber tradicional é primordial. É preciso pensar em uma escola dentro de seu contexto histórico, social, cultural, político e econômico. As escolas do campo não devem ser vistas como forma dissociada da vida, num campo isolado, pois, a mesma está conectada direta ou indiretamente com o campo.

No sentido de contribuir com uma escola comprometida com sua realidade, o presente estudo tem como questionamentos: Como fortalecer a identidade cultural camponesa sobre os mitos e lendas da comunidade São José, a partir do registro escrito e oral das histórias mitológicas contadas pelos moradores? Qual a importância dos mitos e lendas para a comunidade de São José e que contribuições poderá trazer para a escola do campo da comunidade? Como mitos e lendas podem estar integrados aos conteúdos de ciências e matemática desenvolvidos na escola?

A pesquisa tem como objetivo geral (re)conhecer e registrar mitos e lendas transmitidas pela comunidade de São José, para despertar a relevância dessas histórias contadas como preservação da identidade e como elemento potencial do trabalho interdisciplinar, especialmente de CIEMA (Ciências da Natureza e Matemática) na escola do campo em São José.

São objetivos específicos: Identificar mitos e lendas que existem na comunidade de São José; Como a Escola na área de ciências (CIEMA – Ciências da Natureza e Matemática) trabalha mitos e lendas em seu conteúdo; E como a escola está contribuindo com o conhecimento tradicional dos mitos e lendas numa perspectiva interdisciplinar.

Este trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido em três capítulos para atender aos objetivos propostos. O capítulo 1, traz um breve histórico da Educação do Campo, sua importância para os sujeitos camponeses, o trabalho interdisciplinar e a metodologia da pesquisa. O capítulo 2, aborda o histórico da comunidade São José, destaca como os mitos e lendas estão presentes na comunidade, além dos fundamentos teóricos que embasaram esta pesquisa acadêmica. O capítulo 3, refere-se a escola da comunidade de São José, os

mitos e lendas numa perspectiva interdisciplinar, os resultados da pesquisa-ação desenvolvida na escola, e por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR

A Educação do Campo (EdoC) tem um significado histórico e surgiu no bojo dos movimentos sociais. A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) diz respeito à formação de sujeitos para atuar nas Escolas *do* e *no* campo (CALDART, 2012, p. 259; MOLINA, 2014, p. 11-13). A educação do campo é de grande relevância para que as atividades educacionais sejam planejadas coletivamente de modo que venha aprimorar e fortalecer uma cultura efetiva para os sujeitos do campo, promovendo ações nas mais diversas áreas do conhecimento, desse modo, ter um olhar interdisciplinar e crítico a respeito do cotidiano da escola, família e comunidade é fundamental para o crescimento educacional.

A Educação do Campo surgiu da luta dos camponeses por políticas públicas que garantissem o direito a educação para os trabalhadores rurais. Teve início com a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, e logo em sequência na I Conferência Nacional de Educação do Campo, em 1998, ampliaram-se as lutas para garantir o direito à educação para os povos do campo, porém, se intensificou com maior centralidade na II Conferência Nacional de Educação do Campo¹, realizada em 2004, e assim, consolida a expressão “Educação do Campo: Direito nosso, dever do Estado” (MOLINA, 2012, p. 585).

Molina (2012) destaca a tríade estruturante para entendermos a Educação do Campo: Campo – Políticas Públicas – Educação. Ela ressalta que “Não é possível debater as políticas públicas sem utilizar outros quatro conceitos fundamentais: direitos, Estado, movimentos sociais, e democracia. Tendo estes conceitos como bases teóricas podemos

¹ A Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC é hoje um curso regular na Universidade de Brasília (UnB), no *campus* de Planaltina (Faculdade UnB Planaltina). Foi criado na FUP em 2006. O curso é estruturado com o método da alternância dividido em Tempo Comunidade (TC) e Tempo Universidade (TU). A alternância possibilita a integração da comunidade camponesa com a universidade. O objetivo da LEdoC é formar educadores *do* e *no* campo. A formação é para contribuir para melhorias da educação nas escolas do campo.

lutar contra a lógica do modelo de educação dominante que tanto assola o povo camponês” (MOLINA, 2012, p. 585).

Segundo as concepções de Caldart et al. (2012, p. 259) a Educação do Campo - EdoC como política pública foi construída com muita luta “a realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento”, busca trabalhar com a riqueza social e humana da diversidade de seus sujeitos. A educação do campo forma sujeitos construtores e defensores de seus direitos, fortalecendo suas culturas como forma de resistência “consciência de mudança”, com o compromisso crítico de fazer compreender, questionar e tentar transformar o presente e direcionar os sujeitos do campo para um futuro melhor.

O educador Paulo Freire (1996, p. 29) deixou rica contribuição para a educação *do* e *no* campo ao observar: “Não há saberes mais nem saberes menos, mas saberes diferentes”. Ele observa ainda que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

Fala - se hoje, com insistência, no professor pesquisador. O que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou forma de ser ou de atuar que se acrescente a de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa, em sua formação permanente, é que o professor se perceba e se assuma, porque professor precisa ser um pesquisador.

A dialética é um conceito fundamental para compreensão da realidade que se vive. Entendendo isso, sabe-se diferenciar a vida cotidiana e como educador, precisa entender as subjetividades e objetividades dos sujeitos camponeses, assim consegue-se distinguir os contextos sociais, educacionais, políticos e culturais de si mesmo, família, escola, comunidade relacionando-se com o mundo.

Sobre o trabalho pedagógico, Molina e Sá (2012, p. 329) observam:

O principal fundamento do trabalho pedagógico deve ser a materialidade da vida real dos educandos, a partir da qual se abre a possibilidade de ressignificar o conhecimento científico, que já é, em si mesmo, produto

de um trabalho coletivo, realizado por centenas de homens e mulheres ao longo dos séculos (MOLINA e SÁ, 2012, p. 329).

É do saber de todos educadores, que trabalhos pedagógicos diferentes chamam atenção dos educandos, aperfeiçoam seu processo de formação, faz com que os estudantes se sintam estimulados em interpretar a realidade social, ser crítico, se sentir protagonista de sua própria história. A educadora Ferreira e Molina reforçam o valor deste tipo de ensino:

A interdisciplinaridade, nesse contexto, constitui-se como suporte pedagógico fundamental se toma a realidade social, a vida, como eixo orientador do que vai ser ensinado e apreendido, procurando subsidiar a definição de conteúdos e aprofundamento dos conhecimentos a serem garantidos no processo de ensino e aprendizagem, tanto na educação básica como na universidade (FERREIRA e MOLINA, 2014, p. 138).

Vale enfatizar, ainda, que é de grande relevância “garantir nesse processo as dimensões de ensino e da aprendizagem do conhecimento novo sobre a realidade para não se incorrer na negação do direito ao conhecimento acumulado pela humanidade” (MOLINA, 2014, p. 138). Essa perspectiva fortalece os direitos dos sujeitos camponeses podendo ser protagonistas de sua própria história.

1.1. Metodologia da pesquisa

A abordagem de análise deste trabalho foi a pesquisa qualitativa e a pesquisa-ação com o intuito de somar e contribuir com a construção de um olhar reflexivo diante da realidade da comunidade São José, não deixando desaparecer saberes e valores das comunidades tradicionais.

Segundo Delgado (2006, p. 18) uma característica fundamental da metodologia qualitativa é sua singularidade e a não-compatibilidade com generalizações. A história oral inscreve-se entre os diferentes procedimentos do método qualitativo, principalmente nas áreas de conhecimento histórico, antropológico e sociológico. Situa-se no terreno da contrageneralização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas.

A pesquisa-ação é uma metodologia que exige investigação, participação, colaboração. Esse método de pesquisa é muito utilizado em projetos de pesquisa onde o educador faz intervenção para produzir informações e conhecimentos significativos/relevantes para o aprendizado de ambos educadores e educandos. A

pesquisa-ação tem caráter inovador contribuindo assim para a mudança e transformação social.

De acordo Engel (2000, p. 2) “A pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática”. Em função dessa junção pode-se observar que este tipo de pesquisa é de grande importância, pois leva o sujeito a obter grandes resultados tanto no ensino-aprendizagem quanto em seu contexto social, pois traz o conhecimento científico para dialogar com a prática e a realidade.

No mesmo sentido, observa Tripp (2005, p. 3):

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional surgiram variedades distintas.

Acredita-se que o método da pesquisa-ação é uma das formas de melhorar a prática através da investigação-ação.

No primeiro momento da pesquisa, com a intenção de fazer o registro de mitos e lendas da comunidade São José, foram realizadas entrevistas de história oral com moradores de São José, que ajudaram a colher dados sobre suas histórias muito presentes na tradição oral da comunidade. A partir das entrevistas foi possível coletar diversas histórias como mitos e lendas que circulam na comunidade. A história da comunidade, que ainda não tinha nenhum registro escrito, também foi possível (re)construir nesse momento da pesquisa. Foram moradores da comunidade que deram suporte para realização desta pesquisa acadêmica.

De acordo com Delgado (2006), a história oral é um procedimento que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.

Este momento da pesquisa se deu através da coleta e registro de dados por meio de entrevistas, rodas de conversa, gravações de mitos e lendas. O primeiro momento dos registros foi realizado em 2013, a partir da disciplina História e Memória, que é parte do currículo da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Faculdade UnB de

Planaltina (FUP/UnB) – DF. Como parte do trabalho na disciplina foram feitas entrevistas com a comunidade. Um roteiro de perguntas orientou o trabalho neste momento que pretendia identificar os seguintes pontos: Quem fundou o povoado São José? Como era o povoado São José antes de ser povoado? Quantas famílias vivem aqui no povoado hoje? Por que as pessoas estão indo embora de São José? Faça uma comparação do passado ao presente da comunidade. Vocês conhecem algumas histórias mitológicas (mitos e lendas)? Como essas histórias são transmitidas para as novas gerações?

Os primeiros entrevistados foram pessoas com idade entre 40 a 77 anos e de 10 a 15 anos de idade, todos moradores efetivos do povoado São José. Os entrevistados mais velhos (entre 40 e 77 anos), relataram mais sobre o povoado e suas origens, além de ressaltarem como as histórias mitológicas estavam presentes na comunidade desde os tempos mais antigos até os dias de hoje. Já os mais jovens (entre 10 e 15 anos) relataram que conhecem pouco sobre a origem de nossos antepassados, mas conhecem algumas histórias de mitos e lendas contados pelos seus vizinhos e familiares, dentre eles os avós, os tios, as tias e os pais.

Os mais jovens relataram que hoje ouvem poucas histórias por causa da época que é diferente dos antepassados; muitos não estão dando mais créditos para essas histórias contadas, e sim para as novas tecnologias que têm chegado na comunidade. Ressaltaram ainda que os jovens estão saindo em busca de estudo, emprego e melhores condições de vida e não voltam mais e isso está acabando com esse hábito de contar histórias.

As entrevistas e conversas orais foram realizadas com base na história oral. A estratégia de observação também foi utilizada, pois encontramos algumas dificuldades com alguns moradores em responder algumas perguntas feitas a eles, não porque não queriam e nem sabiam responder, mas porque ficavam desapontados ao saber que estava sendo entrevistado e as palavras fugiam do seu raciocínio. Por outro lado, vale ressaltar a importância do diálogo com pessoas da comunidade que se sentiram estimuladas e contentes em colaborar com a pesquisa, tornando possível gravar e fazer várias anotações que ajudaram a abrilhantar este trabalho.

Os entrevistados² não terão seus nomes revelados, foram usados nomes fictícios e iniciais dos nomes visando resguardar, ou seja, proteger suas identidades, na eventualidade do trabalho vir a ser publicado em livro ou virtualmente.

Na realização da pesquisa sobre o povoado de São José foi possível estabelecer a relação da teoria com a prática, pois através deste estudo observa-se o contato com a realidade que durante muito tempo passou despercebido. Descobriu-se tantas coisas, das quais os mais novos não tinham conhecimento que para eles são importantes, dentre eles o resgate do histórico do lugar/local de origem.³

As entrevistas orais e as histórias contadas são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos e de registros. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas relativas ao tema investigado. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias, que permitem compreender como indivíduos compreendem acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em um todo. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

Na pesquisa realizada no ano de 2013/2014 na disciplina de História e Memória foram coletadas 25 histórias⁴. Para atender aos objetivos dessa pesquisa, dentre os mitos e lendas coletados foram selecionamos apenas oito histórias para serem apresentadas neste trabalho. São elas: *O animal assustador*; *A cuca e a arapuca*; *O Macaco e o Coelho*; *A mula sem cabeça*; *A história do Jabuti*; *A Cobra motoqueira*; *O irmão sem teto*; e a história *O Grão de feijão*.

As narrativas vão ganhando sentido através da linguagem transmitida aos sujeitos que nela estão inseridos, são fontes de investigação históricas importantes para reconhecer a realidade onde vive cada sujeito e suas especificidades.

² Termo de livre consentimento.

³ A autora é moradora da comunidade de São José, município de Cavalcante – Goiás. É estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília (UnB) *Campus* Faculdade UnB Planaltina (FUP), está concluindo a graduação neste 2º semestre de 2015 na área de Ciências da natureza e matemática.

⁴ As histórias mitológicas foram dezoito, dentre estas escolhemos as oito que trabalhamos nesta pesquisa acadêmica, as outras sete, eram histórias reais da comunidade, ou seja, histórias de fatos verídicos.

No mês de agosto de 2015, foi realizada uma roda de conversa para reforçar a construção do inventário da comunidade, com a intenção de fortalecer o histórico geográfico do Povoado de São José, para os moradores percebe-se que foi relevante, pois, todos que ali compareceram puderam dar sua contribuição.

A pesquisa-ação foi realizada em 2015, no mês de agosto, na Escola Estadual Kalunga – Extensão João de Deus Coutinho, com nove estudantes do 6^a ano do Ensino Fundamental. O trabalho na escola foi realizado a partir de um planejamento de 10 aulas⁵ voltados para o ensino de Ciências, numa abordagem interdisciplinar a partir do tema Mitos e Lendas da comunidade São José (Anexo I).

O primeiro passo para entrar em sala de aula foi conversar com a professora regente para a liberação de suas aulas para desenvolver a pesquisa. A professora regente e o grupo gestor da Subsecretaria Regional de Educação (SRE) de Campos Belos⁶, abriram as portas da Escola para o desenvolvimento da pesquisa.

Mitos e lendas contados pela comunidade foram desenvolvidas através da articulação com os educadores(as) da Escola que apoiou o projeto, e assim foi feito o levantamento dos conhecimentos prévios e em seguida a intervenção com leituras dos mitos e lendas, e aulas foram desenvolvidas com conteúdo interdisciplinar (mitos e lendas), integrando componentes como Português, Artes e Ciências.

Inicialmente foram trabalhados com os estudantes a leitura coletiva das histórias, interpretações, diálogo/debate e escritas. Fez-se uma breve leitura de mundo da história onde os alunos conseguiram ver e analisar que conteúdos de Ciências havia dentro de cada mito e lendas apresentados para eles. Em Artes, eles ilustraram as histórias mitológicas contadas e (re)contadas pelos moradores de São José.

⁵ As aulas planejadas foram dez, mas as aulas desenvolvidas no percurso do trabalho da pesquisa-ação foram 24, essas aulas foram realizadas em duas semanas no mês de agosto de 2015, as aulas dadas foram desenvolvidas nas disciplinas de português, ciências e artes, sendo um trabalho de pesquisa multidisciplinar na escola Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho.

⁶ A escola Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho é ligada diretamente na Subsecretaria Regional de Educação (SRE) de Campos Belos, no final do ano de 2013 ela foi desvinculada da Escola Estadual Elias Jorge Cheim de Cavalcante – GO, portanto, a Subsecretaria fez esse desligamento fazendo com que as Escolas ficassem todas ligadas diretamente na Subsecretaria Regional de Educação (SRE) de Campos Belos a partir do ano de 2014.

CAPÍTULO II

MITOS E LENDAS DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ

A comunidade foi fundada por uma família descendente de quilombolas do município de Cavalcante, Goiás. A família de dona Edivirge chegou ao povoado por volta de 1865. Vieram em busca de melhores condições de vida, pois, nos sertões quilombos a seca era muito grande e quase não tinha como produzir. Quando descobriram esse lugar, chamado Capão Seco (mata), que apesar de ser Cerrado tinha terras boas para produzir, então se tornaram moradores efetivos do lugar: Dona Edivirge e seus seis filhos: Jacinto de Deus Coutinho, Maria de Deus Coutinho, Carlota de Deus Coutinho, João de Deus Coutinho, Bernaldina de Deus Coutinho e Amansa de Deus Coutinho.

A família de dona Edivirge era devota do Santo São José que é um dos santos mais populares da igreja católica, tendo sido proclamado "protetor da Igreja Católica Romana"; por seu ofício, "padroeiro dos trabalhadores" como São José Carpinteiro ou São José Operário e, pela fidelidade à sua esposa, como "padroeiro das famílias", sendo também padroeiro de muitas igrejas e lugares do mundo.

Passaram-se alguns anos e a família cresceu, foram casando com pessoas da região e trazendo para o Capão Seco, que foi crescendo. Então juntaram e construíram uma capela no meio do povoado e resolveram colocar o nome do santo na localidade que passou a ser chamado povoado de São José de Capão Seco, porém, hoje é conhecido apenas por povoado São José.

A oficialização do nome povoado veio depois de muito tempo, no ano 2001 quando dona Secunda, antiga moradora, fez uma doação de quatro alqueires de terra para a prefeitura fazer os loteamentos para os moradores, assim confirmou o nome de povoado São José. As pessoas têm lotes, graças à bondade de dona Secunda, uma das herdeiras de dona Edivirge, que era sua avó. Atualmente, a comunidade tem duas senhoras mais idosas, comunidade que representam os saberes e fazeres das culturas e tradições locais, sendo uma com 89 anos e outra com 93 anos de idade.

São José já chegou a ter 300 famílias moradoras efetivas, mas hoje (2015) no povoado existem 88 habitantes e 43 famílias (esses dados são do agente de saúde), que vivem da agricultura, pecuária, da aposentadoria, do trabalho público, da produção de alimentos através das pequenas lavouras, dos trabalhos domésticos e alguns moradores têm a bolsa família ou a renda cidadã. Os meios de transporte utilizados hoje na comunidade são: carros, motos, bicicletas, cavalos, éguas, burros e bois carreiros, e essa é a forma de sobrevivência.

Os moradores plantam e colhem para subsistência familiar, o que não é possível plantar buscam na cidade de Cavalcante. Hoje, infelizmente a maioria dos produtos já vem da cidade, porque a produção diminuiu devido às pragas que estão destruindo as plantações, e também porque as chuvas diminuíram e os produtores desistiram de plantar alguns alimentos. A comunidade planta somente os mais necessários como milho, feijão, amendoim, mandioca, cana, inhame, legumes, frutas e verduras. Esses alimentos produzidos juntamente com seus derivados são vendidos na feira rural na cidade de Cavalcante, sendo a renda para subsistência familiar.

Todos os moradores são descendentes de quilombolas exceto os que vieram de fora e se casaram com pessoas do povoado. Porém, o território não é reconhecido como um território quilombola, mas espera-se que futuramente possa vir a ser reconhecido.

A maioria dos jovens foram embora pela falta de escola e em busca de melhorias de vida. A comunidade de São José tem uma escola que atende do Ensino Infantil (município) até o Ensino Fundamental (Estado).

Os membros da comunidade São José são unidos por laços de parentesco e formam verdadeiros núcleos familiares. Todos os moradores são descendentes de negros que foram trazidos da África pelos portugueses durante a colonização do Brasil, não esquecendo que os índios já eram moradores efetivos do Brasil quando os portugueses chegaram, porém não foram reconhecidos pela história relatada nos livros históricos.

Os negros foram escravizados durante 350.000 mil anos aproximadamente, tiveram uma vida dura, o trabalho era árduo e muitos morreram durante a trajetória do tráfico negreiro e no decorrer dos serviços prestados aos seus senhores, outros suportaram a grande jornada de trabalho.

Após muitos anos de sofrimento se rebelaram e começaram a conquistar a liberdade através da lei áurea assinada em 1888 pela princesa Isabel que foi pressionada a assinar essa lei, mas para os negros escravizados já era um avanço para a liberdade tão sonhada, sabe-se que nos dias atuais os negros, afrodescendentes ainda são subordinados à elite dominadora, mas a luta continua cada vez mais, pela conquista de direitos.

A comunidade de São José⁷ é rica na cultura vinda de seus antepassados. A comunidade tem forte tradição ligada à raiz africana de negros que foram escravizados e buscaram refúgio em lugares isolados dos vãos e serras de Cavalcante, Goiás. Essas comunidades mantêm forte laço de união entre as famílias e seus descendentes.

As comunidades tradicionais quilombolas defendem seu território com muita garra e estão lutando para conquistar mais políticas públicas voltadas para o povo Kalunga. As comunidades quilombolas estão se organizando através de associações como Associação Kalunga de Cavalcante - AKC; Associação Quilombo Kalunga – AQK; Associação Comunitária Engenho II – AKCE e a Associação de Educação do Campo e Comunidades Rurais – EPOTECAMPO, a partir dessas associações conquistando alguns direitos como a titularização das terras quilombolas, a energia elétrica, junto a outras tecnologias (TV, internet).

Depois de ter enfatizado um pouco sobre a descendência, é importante também salientar sobre os mitos e lendas que estão presentes nas comunidades e que fazem parte da cultura, memória e identidade da comunidade de São José.

Essas histórias fazem parte do cotidiano das pessoas do povoado, não deixando assim perderem a memória dos familiares que já partiram. Essas histórias trazem alegria ao povo que se reúnem nas casas para se divertirem com familiares e amigos. Hoje, são poucas famílias, mas ainda assim não deixam morrer essa cultura que tem grande valor entre os moradores. Tal como observa uma moradora em seu depoimento:

Nossa comunidade tem algo especial que é a hospitalidade, ou seja, uma forma de receber as pessoas quando chegam à nossas casas. A primeira coisa é perguntar se está com vontade de comer alguma coisa, e a nossa ação para responder essa pergunta é oferecendo o que temos em casa (comida); a nossa preocupação é se a barriga dos nossos visitantes está

⁷ A comunidade é descendentes de quilombos (Kalungas) que emigraram para São José, muitas pessoas da sociedade nem sabem quem são os quilombolas ou o que eles representam dentro da sociedade.

cheia, ou seja, se já comeu, se não, logo é providenciado alguma coisa seja o almoço, a janta, ou um lanche, um cafezinho, enfim, esse é nosso hábito e que é visto e falado por várias pessoas do município e de municípios diferentes que já nos visitaram. Além desse item mencionado acima temos também o costume de visitar os doentes, falar dizeres e ditados populares e contar histórias imaginárias (mitológicas). (Relato de uma moradora de São José, 2014).

Outro morador conta:

“A ema e a festa no céu”: Todos os bichos iam para festa no céu. Os bichos diziam: se Deus quiser eu vou e a ema dizia: se Deus quiser eu vou e se Ele não quiser eu vou também. Bom, chegou a noite e todos foram dormir, exceto os cupins que foram cortar as asas da ema. No outro dia todos foram pra festa no céu, menos a ema porque não tinha mais suas asas para voar (morador da comunidade de São José).

Sendo assim, buscou-se resgatar esses saberes que são parte da história, cultura e memória da comunidade de São José. As histórias são diversas e é uma forma de fortalecimento da identidade cultural desse povo.

2.1. Mitos e Lendas contados na comunidade São José

O animal assustador

Autores: Estudantes do 6º e 7º ano da Escola Estadual Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho, alunos de idade de onze e doze anos, 2014.

Certa vez no povoado São José aconteceu um fato inesperado. Joãozinho foi pegar jabuticaba com os amigos; o macaco e o sapo. Eles foram para o quintal do vizinho coelho. Todos foram escondidos e chegando lá deram de cara com uma onça e saíram correndo. O macaco subiu na árvore mais alta, o sapo nem se lembrou dos amigos e pulou para dentro do primeiro buraco que avistou e Joãozinho correndo desesperado, peitou no arame e ficou preso. A onça chegou e agarrou a perna dele; nessa hora o amigo coelho havia escutado os gritos e foi rapidamente ver o que estava acontecendo no fundo do seu quintal. De repente, avistou seu amigo em perigo. Rapidamente deu um grito bem alto, e a onça assustou e saiu desenfreada correndo e morrendo de medo do coelho. E os amigos não poderiam sair dessa história sem saborear umas deliciosas jabuticabas.

A Cuca⁸ e a arapuca

Autor: A. F. T (10 anos)

Um menino pegou uma juriti em sua arapuca, trouxe-a para casa onde morava com sua avó, limpou sua cuca, fritou e a guardou para comer mais tarde. A avó mandou ele ir pegar lenha para cozinhar. Ele falou: Vó, a senhora não vai comer a minha cuca! Ela

⁸ Juriti uma ave columbiforme da família columbidae.

respondeu: vou não, e ele foi. Enquanto isso, ela comeu sua cuca mais do que depressa. Quando o neto voltou a avó havia comido a cuca. Ele falou: Minha vó, me dá minha cuca! Minha cuca que Deus me deu! Então, ela lhe deu um machado no lugar da cuca e ele saiu andando pelo cerrado afora. Foi quando avistou um pica-pau em uma árvore tirando mel com o bico, o menino falou: Eco, nunca vi tirar mel com o bico! O pica-pau falou: Então me dá seu machado. Ele deu e o pica-pau quebrou o machado. O menino disse: Pica-pau, me dá meu machado, meu machado que minha vó me deu, minha vó comeu minha cuca, minha cuca que Deus me deu! O pica - pau deu a ele o mel.

O menino andou mais, Lá na frente encontrou uma moça fazendo bolo com guspe⁹. Ele disse: Eco, nunca vi fazer bolo com guspe e ela falou: então, me dá seu mel. O menino deu o mel para a moça e ela comeu o mel todinho. O menino falou: Mocinha, me dá meu mel, meu mel que pica-pau me deu, pica-pau quebrou meu machado, meu machado que minha vó me deu, minha vó comeu minha cuca, minha cuca que Deus me deu. A mocinha deu a ele um milho.

O menino continuou a andar e encontrou uma galinha comendo pedra. Ele disse: Eco, nunca vi galinha comer pedra. A galinha falou: Então, me dá seu milho. O menino deu o milho e ela comeu. O menino falou: Galinha, me dá meu milho, meu milho que mocinha me deu, mocinha comeu meu mel, meu mel que pica-pau me deu, pica-pau quebrou meu machado, meu machado que minha vó me deu, minha vó comeu minha cuca, minha cuca que Deus me deu. A galinha deu a ele um ovo.

E então, voltou a andar e logo adiante encontrou um teiú comendo raiz. Ele disse: Eco, nunca vi teiú comer raiz! O teiú falou: Então, me dá seu ovo e o menino deu. O teiú comeu o ovo e o menino falou: Teiú, me dá meu ovo, meu ovo que galinha me deu, galinha comeu meu milho, meu milho que mocinha me deu, mocinha comeu meu mel, meu mel que pica-pau me deu, pica-pau quebrou meu machado, meu machado que minha vó me deu, minha vó comeu minha cuca, minha cuca que Deus me deu. Entrou no pé de um pinto, saiu no pé da jaó, o rei mandou dizer que contasse outra melhor!

O macaco e o coelho

Autor: L. B. S. C (53 anos)

O macaco e o coelho eram amigos e sempre andavam juntos. Um dia, eles ganharam um saco de amendoim para comerem durante uma viagem. Quando saíram, o macaco muito esperto pegou o saco de amendoim e não quis dar para o coelho. Então, o macaco subiu numa árvore e foi comer o amendoim. Lá de cima jogava só as cascas para o coelho que implorava e ele não dava de jeito nenhum. O coelho fingiu que viu uma onça e falou para ela: Ó comadre onça, eu ouvi dizer que a senhora está procurando tripa de macaco para fazer corda para sua viola. Eu sei onde a senhora encontra fácil. E, quando o coelho falou assim, o macaco que estava num galho de pau mais baixo, pulou com muita pressa para o galho mais alto e o saco de amendoim caiu. O coelho pegou o saco e falou assim: Eta macaco besta, Ninguém engana um coelho não!

⁹ Cuspe – Ação de secretar a saliva por meio das glândulas salivares.

A mula sem cabeça

Autora: N. P. C (12 anos)

Em 1971, no povoado São José, certa noite de lua cheia, Pedro e Neto foram para o buriti procurar arara. Quando estavam chegando perto do arame, Pedro disse que avistou um fogo. Seu amigo Neto não acreditou e disse:

- Você está é querendo colocar medo em mim. Os dois amigos continuaram sua aventura. Pedro estava assim meio sarinheiro, mas Neto estava bem tranqüilo. De repente, apareceu uma mula sem cabeça bem na frente deles querendo queimá-los, Pedro mijou na roupa de tanto medo, Neto que era mais corajoso falou:

- Pedro, vamos subir no pau? Nesta hora, Neto já estava com um pouco de medo também. A tentativa deles foi boa, no entanto, a mula sem cabeça conseguiu derrubar eles de cima do pau, pois o pau que eles haviam subido era baixo. Quando a mula se preparou para queimar os dois garotos, o pai de Pedro chegou e com um golpe matou a mula sem cabeça. Pedro disse: É pai, você chegou na hora certa, se não, já estaríamos assados, fritos e mal passados.

A história do Jabuti

Autora: S. S. C (81 anos)

Certa vez, a esposa do Jaboti estava para dar a luz. Ele querendo ajudar, foi buscar azeite para a parteira passar no umbigo da criança. E lá se foi ele... dias e dias de caminhada..., E, quando ele retornou/chegou, o filho já estava à beira do altar se casando. O jabuti ao ver aquilo, não entendeu nada.

O Jabuti acaba de chegar com o azeite na mão. Ali havia alguns degraus. Ao subir, tropeçou na escada e caiu. O vidro de azeite caiu e se quebrou. Então, ele disse:

- Isso é que dá fazer tanta pressa!

A cobra motoqueira

Autora: D. J. L. (14 anos)

No povoado São José, tinha uma família que morava no setor mata cachorro. Eles eram quatro pessoas sendo uma professora com seu marido e seus dois filhos.

Um dia, o seu marido se levantou bem cedo, pegou sua moto, saiu pelas ruas do povoado, parou em um bar, desceu da moto e levou um susto quando a cobra falou:

- Bom dia meu caro amigo!

Ele saiu procurando quem tinha falado com ele, e então, viu uma cobra coral. Saiu depressa para pegar um pedaço de pau/madeira para matar a cobra. Quando ele voltou, ela já tinha pegado a moto dele e ido embora pilotando. Ele correu atrás dela até conseguir alcançá-la. A cobra falou: Vem que eu vou pilotar para você. O rapaz foi tentar tirar a cobra de cima da moto para matar, mas ela escondeu debaixo do banco da moto e ele teve que desmontar a metade da moto para encontrar a danada da cobra.

Quando ele levou o pau para tirar a cobra, ela pulou no chão, fez umas gracinhas para ele sacudindo sua sirueta, saiu correndo e enrolou debaixo de um pedaço de uma bacia velha. O rapaz abaixou, arribou a bacia, e a cobra deu um bote e ainda grudou no nariz dele.

Ele saiu correndo com a cobra grudada no nariz e gritando: Socorro! Socorro! Foi então que encontrou um homem que ficou dando gargalhadas ao vê-lo com a cobra no nariz.

O rapaz desesperado gritou: Tira essa cobra do meu nariz! O homem, então tirou a cobra do nariz do rapaz e a matou. O rapaz ficou com tanto medo da cobra que ficou amarelo e fez as precisões na calça.

O irmão sem teto

Autor: G. C. A. (69 anos)

O camarada morava num deserto. Lá vivia bem com a família, era bem de situação, tinha dois filhos. Logo, perdeu a mulher né, ficou só o velho e os dois filhos. Um chamava Pedro e o outro Manuel. O Pedro, um belo dia diz ao pai: Eu preciso ir pelo mundo conhecer um pouco da vida. O pai falou: Vai meu filho, vai conhecer! Ficou o Manuel cá. O Pedro foi embora e ficou anos e anos pra lá até que o velho morreu sabe O Manuel ficou sendo dono de tudo: Terra, gado, todas as criações. Ficou sendo o único herdeiro. Pensava também que o Pedro já havia destraviado pra lá, né.

Um belo dia o Pedro diz assim: ééé, eu não fiz nada na vida e estou com vergonha de voltar pra casa sem nada, mas eu nasci lá e é pra lá que eu vou. Aí veio todo maltrapilho e sem nada, né? Chegou direto na casa que eles moravam. Quando chegou, estava só o taperão largado. Então, ele viu uma fumaçinha assim numa casona lá mais atrás, bem ajeitada e caminhou pra lá. Chegou lá era realmente o Manuel, irmão dele que morava lá. Mas a esposa do Manuel não queria aceitar não. Dizia: Não, eu não te conheço! Conheço o meu marido desde quando eu nasci e ele não tinha irmão nenhum, ele é filho único. Pedro disse: Não, eu sou o Pedro irmão do Manuel, por sinal, eu sou mais velho do que ele. Aí Pedro diz: Eu não quero nada de vocês, eu só quero que vocês me dá a tapera de meu pai pra mim morar. Aí, Manuel deu a casa pra ele morar.

E, logo logo, ele foi limpando e ajeitando aquilo tudo, Trabalhava fora uma semana e a outra semana trabalhava em casa. Trabalhava fora só pra ganhar o de comer pra vir cuidar. Então ele já tinha seu quintalzinho plantado arrumadinho. Aí a mulher vai lá visitar ele e vê o que ele estava aprontando por lá. Ao chegar lá e ver tudo arrumado, ela cresce o olho e diz: Olha marido, você manda aquele peregrino sumir, por que daqui a dois dias se você não abrir o olho ele vai tomar tudo que é seu. O Manuel disse: É mesmo. A mulher

disse: É só você falar que ele não é seu irmão, porque ele não é seu irmão! - Afirmou a mulher de Manuel.

A mulher era muito ambiciosa e o Manuel era movido pela mulher. Ele foi lá e falou pra Pedro cair fora: Eu quero que você desocupa porque isso aí eu dei pra você, só pra você descansar as pernas um pouquinho e você já está com uns dois anos aí. Já é tempo de você sumir daí. Pedro falou: Eu não saio não, eu só quero a casa. A riqueza do meu pai ficou tudo pra você, mas pelo menos essa tapera aqui eu quero e eu não vou sair. Só saio daqui morto porque sei que era do meu pai. Aí vai em cima, vai em baixo. Manoel disse: Sai por bem ou sai por mal. Bom, tinha um delegado na cidade, lá que era justiceiro, que só fazia justiça mesmo. Manoel disse para o irmão que o delegado fazia justiça e que ia prendê-lo porque estava mentindo.

Saíram já tarde, e como Pedro não tinha nada que comer, botou uns pezinhos de cebola que ele tinha plantado né, fez uns dois bejú de mandioca verde para comer na estrada, colocou no embornal e saiu a pé. O irmão montado numa mula tocando ele na frente. Mas, isso era de tarde, pousou-se na casa do compadre do Manuel. Ao chegar lá, o compadre do Manuel já chamou pra dentro, recebeu ele bem recebido e para o coitado do Pedro peregrino, como o irmão tratava, falou: Se você quiser pousar, pode pousar ali naquele chiqueiro de porco. Os porcos podem te abusar um pouquinho, mas fica lá, aqui dentro não cabe você não. Disse o Manuel juntamente com o seu compadre.

O coitado do Pedro, nem estava conseguindo dormir de tanto barulho de porco e pulga. Já era meia noite, ele com fome e o que tinha de comer era a cebola e o bejú. Então comeu cebola com bejú. A mulher do compadre do Manuel estava gestante de novo, assim de uns três meses e sentiu o cheiro da cebola e danou para comer aquela cebola. Vai e põe o menino fora. No outro dia cedo levantaram e perguntaram: Quem é que comeu cebola aqui? O Pedro respondeu: Foi eu, estava com fome e o que eu tinha de comer era a cebola e comi. Háaaa! Disse o compadre de Manoel. Essa cebola sua fez a minha mulher perder meu primeiro filho. Agora é o seguinte, você já vai mesmo pra justiça né, eu vou também você vai pagar meu filho.

E aí tocou ele. Agora já eram dois contra ele. Lá adiante, tinha uma mula atolada até a barriga. O dono falou: Quem me ajuda aqui, vocês três aí que estão passando. Me ajuda a tirar minha mula: Às vezes eu salvo minha mula. Não! Falaram o irmão e o compadre. Manda esse Pelegrino, esse besta aí te ajuda porque nós não vamos mexer com isso. Vai sujar nossas roupas. Chama ele, às vezes ele te ajuda.

O moço chamou e o Pedro foi ajudar. O dono da mula disse: eu pego na cabeça da mula e você pega no rabo. Na hora que eu falar pronto, aí nós puxa por igual, que às vezes nós tira a mula. Aí fizeram força, né e o Pedro tinha muita força que rancou o rabo da mula fora. Ah! Disse o dono da mula. Eu pedi você foi pra me ajudar, não foi pra rancar o rabo de minha mula. Agora você vai pagar minha mula. Aí vai toca o Pedro também, mas, lá mais na frente tinha um morro redondo, assim meio pelado e o Pedro resolveu fazer algo que preste. Então pensou: Uma vida dessa, tantos anos fora, não fiz nada e trabalhei tanto, cheguei na casa do meu irmão não arranjei apoio nenhum. Estou indo pra delegacia, três contra mim. Vou rolar daqui de cima pra baixo e às vezes eu quebro o pescoço aí nesses tropeços. Mas, lá embaixo morava um velho. O rapaz filho do velho pegava seu pai todo dia e colocava no terreiro para pegar sol, para esquentar. Pegava de cá do sol e levava lá pra dentro e assim vivia. Então, o velho tá lá em cima de uma cadeira no terreiro, e foi

quando o Pedro veio de lá pra cá tecu tecu tecu, rolando passou o canga pé no pescoço do velho e matou o velho. O filho disse: Você matou meu pai, agora você vai pagar meu pai!

E o coitado do Pedro estava na confusão mais uma vez. O rapaz dizia: Você não tem nada pra me pagar, mas você vai me pagar na cadeia! Já estava perto. Chegaram lá e o delegado conheceu o Pedro, mas não falou nada. Então perguntou: E vocês porque é que estão aqui? Aí o compadre de Manuel disse: Conta o seu aí porque é o seu primeiro; Aí o Manuel disse: Ó chegou esse peregrino lá em casa e apossou do que era meu e tá querendo tomar o que é meu! Então é o seguinte: Eu pensei dar fim nele lá, mas tem a justiça. Eu vim para resolver esse meu problema. Aí o delegado disse: Viii! Mas, você quer tomar a coisa do outro? Ele quis contar a história, mas o delegado disse que era para ele esperar, que a vez dele seria depois.

E você? Perguntou o delegado para o compadre de Manuel. O compadre disse: Esse peregrino vai e come uma cebola de noite e minha mulher deu desejo e botou a criança fora e eu estou aqui pra ver o que você faz né, porque ele vai ter que pagar, era o meu primeiro filho! O delegado disse pro Pedro: Mas moço, você matou o menino da mulher! Ele quis contar a história direitinho, mas o delegado não deixou. Perguntou para o dono da mula: E o senhor, o que que foi? Ele disse: Olha, esse infeliz arrancou o rabo da minha mula, e eu quero outra mula com rabo. Eu não vou andar na minha mula sem rabo. E você? Perguntou para o rapaz filho do velho. Olha, ele desceu aquele morro lá perto de casa aos trancos e barrancos e passou o pé no pescoço do meu pai e matou. Vixi! matou? Falou o delegado.

O delegado ouviu todas as versões dos moços que acusavam Pedro e falou: Agora é a sua vez Pedro, me explique o que aconteceu. Pedro disse: Eu andei por mais de vinte anos trabalhando no mundo. Meu pai morreu e eu estava fora e vim de lá pra cá pensando ter o apoio do meu irmão. Ele disse que eu não sou irmão dele, pedi a tapera do meu pai para morar. Depois que eu estou com tapera já arrumadinha, lá que eu estou tendo pelos menos umas mandioquinhas verdes no quintal, ele quer tirar eu de lá. Eu nunca peguei dele nem um ovo se quer e ele disse que eu estou tomando o que é dele.

Nessa hora o delegado perguntou: Como é que você matou o menino da mulher? Ora, ele chamou o compadre dele lá pra dentro, deu comida, deu tudo pra ele e não me deu nada. O que eu tinha era meus bejuzinhos que eu tinha lá em casa e ranquei uns pés de cebola. De noite me botaram para dormir com os porcos e eu fiquei com fome e comi o que eu tinha. Se ela estivesse prenha, o problema não era meu. Se eles tivessem me dado comida, talvez eu não teria comido a cebola.

E como é que foi que você rancou o rabo da mula? Perguntou o delegado. A mula tava atolada até na barriga, aí o rapaz pediu pra eles ajudarem e eles não quiseram e ainda falaram: Chama esse Pelegrino aí porque nós não vamos sujar de lama. Eu fui ajudar o moço. Cheguei lá, ele disse: Você pega no rabo e eu pego na cabaça e nós puxa. Eu puxei com tanta força e o rabo da mula saiu. Não foi por meu gosto. E como é que você matou o velho lá? Perguntou o delegado. Ele disse: Eu estava com tanta coisa na minha cabeça, sem nada nem bem pra comer e eu tinha fome e com tanta pessoa contra mim que resolvi descer aquele morrote acolá de berada abaixo. Quem sabe eu quebrava a cabeça e o pescoço e morria e nem precisava eu chegar até aqui. Mas, eu não sabia que tinha um

velhinho lá no terreiro. Eu não morri e ainda passei um canga pé¹⁰ no pescoço do velho e ele morreu. Mas não foi porque eu quis matar o velho.

Então o delegado escreveu, escreveu, e saiu o veredito. Ele disse, agora é a sentença. Todos ficaram atentos. Perguntou para o Pedro: Quantos anos você ficou fora? Ele respondeu: Uns vinte e cinco anos. Não veio em casa nenhuma vez? Perguntou o delegado. Pedro disse: Vim não. O delegado: Pois, então, agora é o seguinte, a riqueza do teu pai e do teu irmão agora é tudo sua, e nada do Manuel porque o Manuel já usufruiu muito e você estava fora sem usufruir nada. Agora tudo lá é seu, você dá alguma coisa pro Manuel se você quiser.

O Manuel retrucou: Ah! Mais assim não dá! O delegado disse: Não adianta, agora tudo é dele, e se você quiser ir embora daqui pode, porque o que tem lá tudo é dele, você já usou/usufruiu o que era seu, agora o resto que ta lá é dele. E é o seguinte, você tem mulher Pedro? Não senhor! Respondeu Pedro. Então, esse aqui empresta a mulher pra você, até você fazer outro filho nela. A hora que você fizer o filho nela, você devolve. Ah! mas desse jeito não, retrucou o compadre do irmão. É desse jeito, se você quiser é assim. Quando ela ficar gestante, aí o Pedro te devolve ela e seu filho.

E você tem animal Pedro? Tenho não, respondeu Pedro. Então você pega a mula do rapaz e quando ela nascer rabo você devolve. O delegado ainda falou: Pedro, você vai ficar lá na casa que o velho estava e o rapaz vai descer lá descacaviado¹¹ e passar o pé no seu pescoço, pra poder vingar a morte do pai dele. Ah, mas desse jeito não tem jeito não! Ah, mas então não tem jeito né rapaz? Disse o delegado: O velho já estava era passando da hora de morrer, estava te dando trabalho moço, naquele lenga lenga de tirar do sol, por no sol, vai ver ele já estava era morto e você nem viu!

Pedro retornou à sua fazenda e ainda fez o bem. Repartiu tudo ao meio com o Manuel e disse para seu irmão: Você viu né Manuel? A justiça me deu tudo, mas eu não quero tudo não, você tem sua família, sua mulher. Então, a metade é sua e a outra metade é minha. Ele também não quis a mulher do compadre de Manuel não, largou pra lá. Sendo assim, Pedro ainda ensinou uma lição de vida para seu irmão Manuel que passou a morar de favor na propriedade que era toda dele e que por falta de boa vontade para com o próximo (irmão) ficou morando na fazenda de favor, porque agora a fazenda era de Pedro seu irmão mais velho.

O grão de feijão

Autora: L. A. C. (48 anos)

Aconteceu um fato interessante com uma mulher de classe baixa e moradora do campo. Viviam do trabalho árduo para o próprio consumo. Ela tinha apenas um filho e os dois viviam sozinhos. Então, ela resolveu arrumar um homem para se casar e conseguiu, porém ele também tinha um filho. Os dois resolveram ir morar juntos de vez. Os meninos se davam bem, mas a madrasta não gostava do menino.

¹⁰ Canga pé é o mesmo que descontrolado.

¹¹ Descacaviado - descontrolado

O tempo foi passando e eles caíram em uma situação de vida difícil chegando a faltar alimentos em casa. Os dias foram passando e a situação só agravando, até que chegou a ponto de ter só feijão para comer. A mulher cozinhava feijão para o lanche, para o almoço, merenda e jantar e todos os dias era a mesma rotina. Ela separava os caroços do feijão do caldo e dava os caroços para o seu filho e o caldo para o afilhado, pensando ela que estava fazendo o bem para seu filho. Seu filho foi emagrecendo e aniquilando a cada dia que passava, enquanto o afilhado foi engordando. Ela não entendia por que.... A “verdade” era porque os nutrientes e vitaminas estavam no caldo do feijão, e quando ela descobriu através de sua observação, seu filho já estava desnutrido.

PILLA (2013, p. 41) aborda que os mitos e lendas:

É algo que permeia a vida humana desde os tempos mais remotos e seus registros remontam à pré-história. Quem nunca sentou em roda para ouvir alguém, geralmente uma avó ou uma professora e ouviu histórias que passaram a fazer parte de seu imaginário, seja individual ou coletivo? Esta é uma prática ancestral, que nasceu junto com a humanidade, do Oriente ao Ocidente, por todo o planeta Terra e que a permeia atemporalmente, sem local ou data definida (PILLA, 2013, p. 41).

Por mais de cento e cinquenta anos, os moradores do povoado São José foram construindo sua identidade; ela está presente em tudo aquilo que faz parte do seu patrimônio cultural, em seus costumes e suas tradições. É considerando essa identidade e por meio dela que contam tantas histórias.

Fernandes (2012, p. 744) observa que no campo estão os sujeitos e suas diversidades. Sobre o território camponês observa:

O território camponês é o espaço de vida do camponês. É o lugar ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O território camponês é uma unidade de produção familiar e local de residência da família, que muitas vezes pode ser construída de mais de uma família. Esse território é predominantemente agropecuário, e contribui com a maior parte da produção de alimentos saudáveis, consumidos principalmente pelas populações urbanas (FERNANDES, 2012, p. 744).

Este trabalho aborda histórias, memórias e a cultura de um povo, enfatizando a importância desses registros para a comunidade de São José, sujeitos do campo. Esse trabalho traz o registro da história de quem vive o território e é protagonista dos saberes e fazeres de uma comunidade tradicional quilombola.

Saraiva (2010, p. 1) ressalta que:

O estudo da história é complexo. A história ao (re)construir o passado assume um compromisso com o presente, levando os homens a fazer reflexões sobre suas próprias experiências como sujeitos coletivos,

contribuindo, desse modo, para posicioná-los diante do futuro. Assim, podemos afirmar que a história é a ciência que estuda o passado, mas com o compromisso crítico de nos fazer compreender, questionar e tentar transformar o presente e nos direcionar para um futuro que desejamos. Ver a história sob esse ponto de vista recupera sua dimensão política e emancipatória.

Estes argumentos fundamentam a pesquisa, onde buscamos registrar histórias para ficarem preservadas. Saraiva (2010) salienta a importância desse registro de memórias, pois, o nosso presente busca reconstruir o passado para transformação dos sujeitos históricos:

A memória é campo de atuação da história. Mas durante muito tempo, a história se preocupou em registrar experiências somente de alguns grupos, excluindo outros. Deixava muito claro que sua opção era fazer registros somente de pessoas ilustres, fatos políticos e econômicos das elites, desconsiderando outros sujeitos históricos, seus saberes e fazeres. Mas, a história foi revista e novas formas de concebê-la foram incorporadas ao seu campo de interpretação. O campo da história, ao ser ampliado, tornou possível reconhecer que memórias/experiências de outros homens e mulheres também eram importantes para a história (SARAIVA, 2010, p. 1).

Silva destaca (p. 328) que [...] “A memória não é a capacidade de guardar e acumular informações e lembranças com precisão, a memória é o processo de reelaboração de informações e experiências de vida” [...], é uma fonte importantíssima para construção do conhecimento histórico das comunidades tradicionais. “Ao buscar o passado, são trazidas memórias de um tempo que revela quem somos e revela nossas experiências. A memória, em sua relação com a história, nos salva do esquecimento e da perda” (SARAIVA, 2010, p. 1).

Caldart, refletindo sobre a importância dos saberes dos sujeitos do campo enfatiza um aspecto fundamental para este trabalho: A natureza do conhecimento camponês faz dele um efetivo prático-empírico, que preponderante e necessariamente faz ensinando e ensina fazendo, ao mesmo tempo em que comunica oralmente explicações dos saberes intrínsecos a cada objeto e prática (CALDART, 2012, p. 181).

Canedo (2009, p. 1) observa que na cultura está presente o patrimônio cultural como a organização social de cada comunidade, construindo seus valores, saberes e fazeres, costumes e crenças, e que a oralidade é uma manifestação da cultura popular.

Os mitos e lendas, tradição de cultura de diferentes regiões, traz uma perspectiva possível de ser explorada em diversas áreas do conhecimento, pois perpassam diferentes campos de vida cotidiana.

CAPÍTULO III

MITOS E LENDAS E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR

NA ESCOLA DE SÃO JOSÉ

3.1. Escola Estadual Calunga I

A Escola Estadual Kalunga I – é uma extensão da Escola Municipal João de Deus Coutinho e começou a mais ou menos no ano de 2000 a 2004. Sua criação se deu devido a necessidade dos moradores do lugar não terem escola para colocar os filhos após finalizarem a 5ª série. A Escola Kalunga I localiza-se na comunidade São José, a aproximadamente 85 quilômetros de Cavalcante - Goiás.

Vale ressaltar a importância da origem do nome da Escola municipal. O nome João de Deus Coutinho foi uma homenagem ao senhor João, filho de dona Edivirge, Ele foi o braço direito de sua mãe na fundação da comunidade São José, era um homem muito respeitado. Se não fosse Ele e sua mãe (Edivirge), talvez a comunidade não existisse, pois, a maior força da família vir para São José foi dele, um jovem guerreiro e muito trabalhador. Além de ser o braço direito de sua mãe Edivirge, era também de seus irmãos.

Na comunidade São José tem uma escola que atende ao Município e ao Estado. A Escola Municipal João de Deus Coutinho funciona no período matutino, ensina desde o pré III até o 5º ano do Ensino Fundamental I, tem 19 alunos, três professoras, uma merendeira e um faxineiro. A Escola Estadual Kalunga I – Extensão da Escola Municipal João de Deus Coutinho funciona no período vespertino, ensina do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, tem 16 alunos, é composta por dois professores (ambos são contratados pelo Estado) e uma merendeira/faxineira. Tanto a Escola Municipal quanto a Escola Estadual trabalham com multiseriado, na hora do recreio ambas têm o acompanhamento dos educadores (as).

Na Escola há reuniões pedagógicas, brincadeiras envolvendo os alunos e pais, gincanas para melhorar o aprendizado dos alunos. Os professores participam de todas as organizações que são desenvolvidas na escola. O conselho escolar conta com a participação dos pais, os funcionários estão envolvidos na organização e atividades da

escola como comemoração do dia das crianças, dia da páscoa, aulas esportivas, expositivas e brincadeiras.

A pesquisa-ação foi desenvolvida na Escola Estadual Kalunga I com a turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, uma turminha com nove alunos numa sala de aula. São estudantes espertos e que gostam de novidades. Ao terem conhecimento do projeto ficaram felizes, animados e firmes no propósito de colaboração.

A professora regente não demonstrou nenhuma dificuldade quanto a execução do projeto. Juntas, professora e pesquisadora trabalharam por duas semanas com o tema mitos e lendas da comunidade São José. Os alunos relataram que nunca tinham tido aulas sobre mitos e lendas na disciplina de Ciências e que gostaram de trabalhar com estes conteúdos em sala de aula.

Inicialmente, enfatizou-se que o trabalho com os mitos e lendas previamente selecionados seriam explorados numa perspectiva interdisciplinar envolvendo Português, Ciências e Artes, mas o foco principal seria o conteúdo de Ciências. Nesse sentido Bassoli observa: “[...] mitos permeiam a realização das atividades práticas no cotidiano escolar, empreendendo um diálogo com os referenciais teóricos da educação em ciências” (BASSOLI, 2014, p. 581).

Em seguida, os mitos foram apresentados para os estudantes, destacando seus principais elementos.

Mito 1 – O animal assustador

O mito do *O animal Assustador* que é contado pela comunidade São José possui muito potencial para o trabalho nas aulas de Ciências como pode ser observado na Tabela 1. Na primeira aula de Língua Portuguesa, dia 17 de agosto de 2015, com uma hora/aula foi feita a introdução e explicado todo o processo do trabalho; enfatizando que o trabalho seria feito com oito mitos previamente selecionados. Foi informado aos estudantes que as aulas iriam ser gravadas para facilitar o processo da pesquisa. E que eles não seriam identificados na publicação das falas.

Foi explicado sobre a importância da colaboração e participação deles durante as aulas e destacou-se também sobre o trabalho interdisciplinar. Fez-se o levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre os mitos e lendas, em seguida, completou-se

com um apanhado geral dos mitos desde à época da pré-história até chegar a comunidade São José onde todos são remanescentes de quilombos.

Nessa linha, fez-se o levantamento dos conhecimentos prévios com algumas indagações: Para vocês o que é um mito? Os alunos observaram:

“Na Semana Santa tem muitos mitos, porque não pode comer carne vermelha por causa do sangue, então isso pra mim é um mito porque a gente acaba fazendo e nada acontece apesar de que pra eles quem conta é verdade, né. Na sexta-feira treze também. Existem muitos dias santos que tem coisas que a gente faz e não acontece nada; é uma tradição que vem dos mais velhos.”

“Laranja com leite faz mal, é um mito; é uma história de fantasia que faz as pessoas se divertir.”

“A minha mãe falou que uma cobra corria atrás da vó dela para morder e o cachorro foi e pegou o rabo da cobra e a cobra voltou no cachorro e assim por diante...; é uma pequena história contada por uma pessoa mais experiente. Tem um mito que se a gente cortar cana na sexta-feira da paixão ela sai sangue.”

“Para mim é uma história imaginária. Minha avó disse para meu primo que se ele comesse piaba, aprendia nadar. Ele comeu a piaba pulou no poço e quase morreu afogado.”

“É uma história que faz as pessoas sorrir.”

“É a nossa história.”

“O mito é uma história que o povo conta, uns acreditam, e outros não.”

Pilla (2013, p. 41) entende que mito “é algo que permeia a vida humana desde os tempos mais remotos e seus registros remontam à pré-história [...]”, portanto os mitos e lendas estão intimamente ligados a nossa história, e esse aspecto foi bem observado por alguns alunos.

A segunda pergunta mobilizadora foi: Vocês já ouviram contar estas histórias? Por quem da família? Toda turma respondeu afirmativa que já tinha ouvido falar, pelos avós maternos e paternos, tios, tias, e pelos pais. Foram indagados se gostavam de ouvir as histórias.

“Eu gosto. Pra mim eu estou vivendo lá no mundo deles, na ficção da conversa deles, mas a gente sabe que no mundo que a gente vive hoje, só fica na imaginação deles que pra eles é verdade, eu gosto vixe maria rsrsrsrs é divertido, eu ri até.”

“Minha mãe conta que a bisavó dela contava que não podia matar passarinho na sexta feira treze. Aí os meninos matou uma rolinha, arrumou ela e pôs para fritar e a rolinha saiu voando. Tem outra do papagaio que não queria ser cozido...”

“Minha avó disse que se nós pegássemos uma piaba viva e engolissemos-a viva, nós aprendíamos nadar. Aí meu primo foi lá no rio, pegou umas piabas, comeu e pulou no poço e quase morreu afogado.

Outra pergunta foi dirigida aos alunos: Em que ocasião/lugar essas histórias são contadas? A maioria da turma respondeu que sempre é a noite, antes de deitar/dormir na casa dos avós/avôs, na cozinha e quando as famílias estavam reunidas. A tradição da comunidade de se reunir veio na fala de aluno: “Geralmente quando estamos perto de uma fogueira à noite.”

É de fundamental importância a história, memória e história oral. Segundo Neves (2000, p. 109-110), “[...] a História, a memória constitui - se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando – o do esquecimento e da perda [...]”. No entanto, “[...] a memória passa a se constituir como fundamento da identidade [...]”, já na história oral “[...] constitui – se como espaço vivificador da relação entre a História, a memória e a identidade [...]”. Desse modo, percebe-se a relevância deste trabalho com os mitos e lendas para o crescimento das práticas pedagógicas e metodológicas escolares, além de trabalhar com uma das culturas das comunidades tradicionais e estimular os estudantes, jovens da comunidade, a importância de sua tradição.

Foi apresentado a eles a primeira história mitológica *O animal assustador*, em seguida fez-se uma leitura coletiva. Na parte da interpretação de texto se tratando dos mitos os estudantes identificaram a conversa de animais falando e interagindo com humanos; “nem todos os bichos comem jabuticaba” e a “onça não tem medo de coelho.”

Os estudantes participavam da aula divertindo e ao mesmo tempo aprendendo, foi uma ótima experiência tanto para os alunos quanto para a educadora regente da Escola e para a formação acadêmica da pesquisadora e futura educadora nas Escolas do Campo.

Nessa perspectiva Oliveira e Lima (s/d, p. 9) consideram que “é importante dizer que o relato mítico deve ter um caráter específico para cada povo, isso reflete através de uma narrativa no tempo e no espaço [...]”. Essas colocações conduzem a percepção dos estudantes em relação aos diversos tipos de culturas e tradições de determinada sociedade, isto foi percebido durante os encontros em aula.

Em Ciências foram dadas duas aulas seguidas de 50 minutos. Destacou-se o valor das frutas plantadas, produzidas e colhidas na comunidade, incentivando os alunos quanto à conservação dessas frutas e das sementes criolas para as próximas gerações e quanto à importância do consumo de alimentos sem produtos químicos; a adaptação de animais ao meio ambiente, destacando que com tanta falta de habitats, os animais procuram outros lugares para sobreviver e às vezes nessa caminhada muitos morrem pelo caminho ou por falta de adaptação ao meio; sem contar o tanto de animais que morrem fazendo passagens nas rodovias.

Os alunos identificaram os seguintes conteúdos da área da Ciência (Tabela 1) Os animais; as plantas (jaboticaba); cadeia e teia/rede alimentar; e o bioma. Falou-se ainda das vitaminas que contêm nestas frutas. Destacou-se também que os animais estão indo comer nas plantações dos agricultores camponeses porque está faltando ecossistemas conservados e que isso leva até mesmo os animais entrarem em extinção por falta de alimentação ou por causa da competição por alimento e muitos acabam morrendo. Todos os alunos foram estimulados a ilustrarem a história *O animal assustador*, sendo que esta tarefa ficou para casa.

Figura 1 - Mito: *O animal assustador*



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

A essência dos mitos e lendas está nos “detalhes”, na criatividade e a capacidade dos alunos aparecem de forma sucinta. É prazeroso ver a alegria dos educandos em compartilhar/socializar seu conhecimento mitológico com os colegas em forma de leitura coletiva, interpretação das histórias e ilustrações das mesmas.

As interpretações das histórias foram se dando naturalmente. O trabalho com os mitos e lendas revelou que esse conhecimento traz qualidade para o aprendizado dos alunos, pois, já é parte de sua cultura e da natureza do lugar onde vivem. A atividade revelou que eles gostam e aprendem mais.

Nesse aspecto, o trabalho com memórias também revelou-se muito prazeroso. Conforme referencia Saraiva (2010, p. 1), “a memória é campo de atuação da história”. A história busca recuperar saberes dos sujeitos através da memória construindo assim a identidade. O campo da história foi ampliado tornando possível reconhecer experiências vividas de homens e mulheres.

Ainda durante as aulas de Ciências, os alunos construíram diversas cadeias alimentares, reconhecendo quem são os produtores (vegetais), consumidores (seres vivos que servem de alimentos para os outros) primários, secundários, terciários e quaternários, além de identificar também quem são os decompositores (fungos bactérias). Esses

levantamentos das cadeias foram feitos por seres vivos presentes na comunidade. Os alunos contribuíram de várias formas. O diálogo foi fantástico.

Tabela 1: Mito e Ciência no Mito *O animal assustador*

Mito: O animal assustador	
Mito	Ciência
<p>O menino era amigo dos animais;</p> <p>A conversa entre os animais e com humanos;</p> <p>Nem todos os animais comem jabuticaba (sapo, coelho e onça);</p> <p>O coelho não tem quintal;</p> <p>O amigo coelho socorrendo os amigos: Joãozinho, macaco e o sapo;</p> <p>Coelho bradando com a onça;</p> <p>Onça assustada com o grito do coelho e com medo dele.</p>	<p>O valor nutricional (vitaminas) das frutas naturais plantadas, produzidas e colhidas na comunidade; (não foi trabalhado em aula)</p> <p>Incentivo quanto à conservação das sementes criolas para as próximas gerações;</p> <p>A importância do consumo de alimentos sem produtos químicos;</p> <p>O vinho da jabuticaba como uso culinário (geleia, suco licor e vinagre) e medicinal (rica em ferro, cálcio e fósforo; anti-inflamatório; anti-envelhecimento, tratamento de diarreia, dentre outros).</p> <p>Cadeia alimentar: Produtores, consumidores e decompositores;</p> <p>A relevância dos seres autótrofos (vegetais/plantas) para o ciclo da vida;</p> <p>A perda dos habitat principalmente o cerrado e a importância da preservação dos mesmos; Competição por alimento;</p> <p>A falta de habitats para os animais em extinção.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Mito 2 – A cuca e a arapuca

Dia 18 de agosto de 2015, já na quarta aula foi trabalhado o mito *A cuca e a arapuca*. Salientou-se sobre o mito nas histórias contadas da comunidade; fez-se leitura e interpretação, foi explorada a parte que falava do que é mito e do que é ciência. Neste mito os estudantes identificaram os seguintes fatos mitológicos: Um menino dialogando com animais; uma moça fazendo bolo com guspe; o pica-pau não dá conta de tirar mel com o machado e nem de quebrar o mesmo; a galinha dando seu ovo para o menino; e um teiú comendo raiz.

Foram explorados alguns conteúdos para trabalhar em ciências. Os estudantes conseguiram identificar: a cadeia alimentar onde a raiz era o produtor e o teiú o consumidor primário. Explorou-se nesta aula todo o conteúdo da cadeia alimentar e seus conceitos e ainda foram utilizados exemplos da comunidade a partir do quintal dos estudantes; destacou-se o que é cadeia e teia alimentar, retomando a aula anterior onde enfatizou-se com detalhes sobre: produtores (vegetais/plantas), consumidores e decompositores. No decorrer da aula surgiram várias perguntas: Professora posso construir cadeias de animais sem ser da comunidade? Galinha come pedra? Posso fazer uma cadeia apenas de animais? O que é produtor mesmo? Algumas cadeias alimentares foram formadas através da história *A cuca e a arapuca*, exemplos: Milho (produtor) – galinha (primeiro consumidor) – mocinha (segundo consumidor); raiz (produtor) – teiú (consumidor primário) – menino (consumidor secundário).

Nota-se que onde esta história aconteceu tinha a preservação do meio ambiente perto da casa de Joãozinho, onde os bichos ainda viviam em seus habitats, interagindo com o meio e lutando para sobreviver e sabe-se que nos dias atuais a relação dos seres vivos com o meio está complicada, pois, a perda dos seus habitats está com índice muito elevado e isto está fazendo com que os animais e, até mesmo certas espécies de plantas, entrem em extinção acabando com diversos biomas e com nossa fauna e flora.

Ainda foi reforçada a maneira que a avó trata o neto ao dar o machado para ele, transmitindo os valores do trabalho como construção do aprendizado das crianças: “minha vó sempre dizia serviço de menino é pouco, mas quem perde ele é louco” (relato de uma aluna). Além disso, tem também a arapuca que as crianças camponesas faziam e que hoje é raro uma criança saber o que é, e muitas vezes nem conhece. Esses aspectos também podem ser trabalhados em matemática usando a geometria fazendo medida da área, altura, largura e comprimento.

Em Ciências foi trabalhado na teoria e na prática usando os seguintes conteúdos curriculares: Biosfera – faixa do planeta em que há vida (fatores bióticos e abióticos); Cadeias e teias alimentares – produtores, consumidores e decompositores, sempre usando exemplos do dia a dia. Os alunos iniciaram a ilustração em sala e depois levaram a tarefa para casa onde iriam pintar a história lida e interpretada.

Figura 2 - Mito: A cuca e a arapuça



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

Explicou-se os seguintes conceitos: ecossistema e a existência de várias cadeias alimentares e teias dentro do nosso ecossistema; mostrou-se isso através de exemplos usando figuras dos livros didáticos. Após, formou-se três cadeias ligando-as e formando uma teia alimentar mostrando aos alunos o que é realmente uma teia alimentar. Eles tiveram muitas dúvidas com as teias, mas as dúvidas foram sanadas, através de figuras e construindo cadeias interligando umas às outras formando uma teia ou rede alimentar.

Perguntas feitas oralmente para os estudantes: O que é um ecossistema? E a comunidade de São José é um ecossistema? O quintal de sua casa é um ecossistema? O que é uma cadeia alimentar? O que é uma rede ou teia alimentar? Quem são os produtores? E os consumidores? O que é Biosfera?

Durante a aula foram feitas algumas indagações aos alunos: O que mudou referente às outras aulas de ciências?

“Foi bom, mudou tudo e conheci bem melhor a ciências. Ciências é tudo de bom e tudo (mito e ciência) junto e misturado ficou ainda melhor, adorei.”

“Conheci coisas novas como o mito e aprendi identificar uma ciência (conteúdos de ciências) em um mito.”

“Dá mais trabalho, mas aprendi bastante, além de aprender mais a ciência aprendi também a desenhar as pessoas, as plantas e os animais.”

“Eu gostei porque foi novidade e mudou o meu aprendizado porque aprendemos.”

“Mudou muito porque nunca tinha visto mitos e lendas na ciência.”

“Porque trabalhamos com história e foi uma aula diferente porque eu nunca estudei uma aula com histórias na ciência.”

“É um pouco diferente porque nunca tinha visto mito na ciência.”

“Mudou tudo para mim, nós ouvimos muitas histórias e desenhamos, aprendi muito com isso e acredito que os meus colegas aprenderam também.”

Tabela 2 – Mito e Ciência no Mito *A cuca e a arapuca*

Mito: A Cuca e a arapuca	
Mito	Ciência
O diálogo do menino com os animais; Pica-pau dando mel para o menino; Pica-pau não dá conta de pegar e nem de quebrar um machado; Não se faz bolo com guspe; A galinha dando o ovo para o menino; Teiú não come raiz.	Cadeia e teia ou rede alimentar: Produtores, Consumidores e decompositores; Seres autótrofos e heterótrofos; Ecossistema: Fauna e Flora; Biosfera: Faixa do planeta em que há vida (fatores bióticos - vida) e abióticos – sem vida; A relevância da preservação do meio ambiente pelo homem.

Fonte: Elaboração própria.

Nestas aulas interdisciplinares os alunos ficaram surpresos em poder trabalhar várias disciplinas com o mesmo conteúdo; gostaram das aulas e acharam divertidas e ainda afirmaram ser uma novidade.

Quando indagados se achavam importante trazer esses mitos contados na comunidade para a sala de aula e o Por quê, todos os alunos responderam que era importante e reconheceram o potencial das histórias para a escola e comunidade. Cascudo

(s/d, p. 91) enfatiza que “[...] os caminhos das histórias são todos os caminhos do mundo” e fizeram os seguintes comentários:

“Porque aprendemos todos juntos.”

“Para transmitir para as outras pessoas.”

“Para os colegas conhecer.”

“Fazer as pessoas sorrir.”

“A gente se diverte e distrai.”

E os colegas da comunidade sabem contar histórias mitológicas? E quando eles contam essas histórias? A turma respondeu que sim. Uma estudante disse na escola e em sua casa. Outra relatou “quando minha família está reunida”. Outra disse “na hora do recreio”. Uma aluna observou que era quando estava na casa da vovó. Um estudante fala sempre à noite na casa do vizinho ou quando a família estiver reunida.

Os estudantes aprenderam bastante, tinham consigo os conceitos, mas ao estudarem de forma diferente ficaram entusiasmados, isso deixa nós educadores satisfeitos ao ver o resultado com a aplicação de um método pedagógico diferenciado. É de grande relevância para os alunos que os educadores levem estes saberes da realidade para as escolas do campo e trabalhem na sala de aula porque é um aprendizado muito rico.

Mito 3 - O macaco e o coelho

No mito, *O macaco e o coelho* fez-se uma leitura coletiva na sala de aula no dia 19 de agosto de 2015. Foi identificado os seguintes fatos mitológicos: O macaco conversando com o coelho; o macaco nem imaginou que o coelho não podia conversar com a onça, pois senão ela (onça) comeria ele; a esperteza do coelho em mentir que viu a onça; a burrice do macaco por ser um animal tão esperto e deixar ser enganado pelo amigo coelho; onça sendo comadre de coelho; tripa de macaco não dá corda pra viola; a onça não tem viola e muito menos sabe tocar.

Um diálogo coletivo foi feito como forma de valorização dos mitos e lendas sendo transmitidos de geração a geração desde a antiguidade no Oriente Médio até os dias atuais. Na discussão os alunos puxaram outros mitos populares como *A festa no céu*. Uma estudante relata “o sapo queria ir pro céu só que só o coitado do urubu ia, aí o sapo entrou no violão do urubu e o urubu achou o violão pesado...”, Outra destaca a história da onça e

do coelho “o coelho falou que ia pra festa no céu montado na onça de freio, espora e chicote, aí o coelho deu dor de barriga e a onça o levou e realmente chegou à festa montado nela e quando já estava no meio dos outros animais ele esporou a onça”. “Dizem também que se cobra morder a gente aí a gente não pode ver burro (animal) se ver burro a gente morre e eu fiz o teste e não morri rárárará” (estudante).

Ainda nesta aula os alunos ilustraram a história mitológica *O macaco e o coelho*, desenhando histórias da comunidade de São José. Em Ciência, na aula do dia 20 de agosto/2015, primeiro fez-se uma releitura da história mitológica *O macaco e o coelho*, que foi trabalhada na aula anterior. Após os alunos juntamente com os educadores foram procurar na história conteúdos importantes de Ciências. Foram identificados: Os animais e as plantas; As extinções de plantas e dos animais do ecossistema, ainda salientou-se a relevância das árvores do cerrado como forma de sustento à muitas famílias, destacou-se a importância das plantas/árvores de copas para conservação natural na época das queimadas e desmatamento, a preservação do meio ambiente, além do respeito pelo equilíbrio ecológico.

Figura 3 - Mito: *O macaco e o coelho*



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

Pode-se dar ênfase na preservação do meio ambiente; na competição que existe entre seres vivos por causa dos alimentos; a perda de seus habitats tendo que se deslocar a procura de outros habitats onde há água para nutrir seu organismo e matar sua sede; a composição química do amendoim (minerais, vitaminas, lipídios dentre outros) sendo fonte energética e transferência de energia através das teias/níveis tróficas. Em cada história revisou-se o conteúdo curricular cadeias e teias alimentares, seres vivos em extinção: um problema ambiental, Biosfera, interação entre os seres vivos (fatores bióticos - vida) e abióticos - sem vida.

Na história *O macaco e o coelho*, os produtores eram o amendoim e as árvores (plantas ou vegetais), os consumidores eram o coelho e o macaco sendo eles o primeiro consumidor ou consumidor primário, eles estavam competindo, ou seja, brigando pelo alimento, já os decompositores estavam presentes no solo da floresta só aguardando mais matéria para decompor. As educadoras estavam aferindo o aprendizado dos nossos alunos. Os estudantes fizeram um esquema representando as teias tróficas envolvendo todos os

conceitos de cadeia e teia alimentar, além de atividades na lousa para fixação do conteúdo e do aprendizado.

Na competição entre os seres vivos presentes na comunidade foram identificados várias espécies de animais como: os periquitos nos pés de manga brigando querendo tomar o lugar do outro, os pássaros nos pés de frutas, os guaxos nos pés de laranja, o tucano briga com o pássaro preto por causa dos ninhos de ovos de algum passarinho que o tucano quer comer, as galinhas brigam por causa do milho, os porcos brigam por causa da lavagem, os leitãozinhos brigam com seus irmãos mordendo para não deixar mamar na mama da mamãe porca, o gado briga por causa do sal na coqueira.

Com respeito às queimadas salientou-se sobre o desmatamento do Cerrado e florestas na época do verão, foi explicado para eles (alunos) que as árvores rasteiras são predominantes do Cerrado e são fáceis de ser consumida pelo fogo como é o caso do caju, mangaba, bacupari, pequi e baru, os mais conhecidos, e essas árvores nativas do Cerrado tem uma grande importância para as comunidades, pois, fornecem não apenas o fruto, mas também são usadas na culinária e como medicinais.

Além do que foi falado, ainda há diversas espécies de animais que nos transmitem alguma mensagem simbólica, a coruja é uma ave rapina conhecida como o símbolo da filosofia/sabedoria pela cultura grega, já a águia é o símbolo de Zeus o mais poderoso dos deuses, a águia é conhecida como rainha das aves por sua coragem e força simboliza nobreza, majestade, liberdade, agilidade e outras virtudes. Quando se diz que uma pessoa tem “visão de águia” significa que tem talento, habilidade e inteligência. Por outro lado tem-se outras espécies de animais que se desdobram na história mítica com suas travessuras e inteligência como é o caso do macaco e o coelho, são histórias criadas e recriadas pelas gerações, e fazem parte da cadeia e teias alimentares das comunidades tradicionais. Essas cadeias/teias alimentares são representadas no cotidiano fazendo interações entre os seres vivos da comunidade.

Uma das leituras feitas sobre as aulas dadas foi a reação dos educandos referente ao modelo do ensino interdisciplinar, os mesmos saíram muito bem, segundo eles gostaram porque foi uma aula diferente das anteriores.

Tabela 3 – Mito e Ciência no Mito *O macaco e o coelho*

Mito: O macaco e o coelho	
Mito	Ciência
Animais conversando; Coelho não dá conta de pegar saco de amendoim; Macaco não come amendoim; A onça não tem viola e muito menos sabe tocar; Tripa de macaco jamais poderá substituir as cordas de uma viola; A esperteza do coelho em mentir que viu a onça; Outra coisa é fazer besta desse macaco, pois o macaco é muito esperto; Onça ser comadre de coelho; O coelho não podia ser comadre da onça porque se não ela comeria ele.	Extinções de plantas/vegetais (flora) e dos animais (fauna) do ecossistema; Destacar a importância das plantas/árvores de copas para conservação natural na época das queimadas; Equilíbrio ecológico; Desmatamentos; Preservação do meio ambiente; Enfatizar a relevância das árvores do cerrado que trás sustento a muitas famílias das comunidades tradicionais, como o pequi, caju, baru, mangaba, buriti, bacupari, dentre outras; Na competição que existe entre seres vivos (alimentos, habitats, no relacionamento entre macho e fêmea); a perda de seus habitats; A composição química do amendoim (minerais, vitaminas, lipídios dentre outros) sendo fonte energética e transferência de energia através das teias/níveis tróficas. (não foi trabalhado em sala) Fatores bióticos e abióticos; Seres autótrofos e heterótrofos.

Fonte: Elaboração própria.

Mitos 4 e 5 - A mula sem cabeça e A história do Jabuti

No dia 21 de agosto de 2015, fez-se leitura coletiva da lenda *A mula sem cabeça* e o mito *A história do jabuti*. Para fazer uma aula participativa com a colaboração dos estudantes a turma foi dividida em dois grupos e escolheu-se um coordenador para cada grupo. O primeiro grupo ficou com a lenda da mula sem cabeça e o segundo com a história do jabuti.

Os integrantes dos grupos tinham que identificar o que era fato mitológico e o que havia de Ciências nas histórias. O diálogo entre os estudantes a respeito de todos os fatos acontecidos nas histórias foi muito proveitoso; os alunos são espertos e conseguiram com facilidade ver quase tudo desde o que tem de científico da área de Ciências, até fatos mitológicos. Segundo eles foi uma aula divertida e diferente na qual aprenderam muito.

Tabela 4 – Sistematização a partir dos Mitos 4 e 5

Grupo I: A mula sem cabeça		Grupo II: A história do jabuti	
Mito	Ciência	Mito	Ciência
<p>Não existe mula sem cabeça.</p> <p>Mula não derruba gente do pé de uma árvore.</p> <p>Mula não solta fogo pela cabeça.</p>	<p>Mula, floresta e as pessoas; Seres vivos em extinção: arara azul. Cerrado, brejo, umidade, água, insetos, répteis, solo, ar. Estudo da rotação da Terra, ciclo do dia e noite.</p> <p>Buriti, uma planta que produz uma fruta muito gostosa e serve para fazer doce, comer com leite e outros.</p>	<p>Jabuti não conversa não pega azeite e nem casa.</p> <p>Jabuti não passa azeite no umbigo de seus filhotes e nem tem umbigo.</p>	<p>Jabuti e azeite de mamona.</p> <p>A desova do Jabuti (animal ovíparo).</p> <p>Extinção do jabuti e o tipo de clima em que eles vivem.</p> <p>Conceito de Ecologia</p>

Fonte: Elaboração própria.

Ainda, nessa aula, aprofundou-se o debate e conceitos; juntos foram observados e estudados diversos conteúdos, como: o ecossistema de modo geral em um espaço limitado; os fatores bióticos e abióticos; a conservação do bioma do cerrado de modo geral, desde a fauna até a flora. Pode-se definir um bioma como um conjunto de vida vegetal e animal; o cerrado tem brejo caracterizado pelas veredas, possui grandes riquezas naturais como frutos dos buritis nativos que são importantes para a subsistência familiar dos moradores da região, são alimentos para muitos animais, e é usado para fazer alguns remédios caseiros ou receitas culinárias.

Analisou-se ainda os espaços delimitados onde aconteceu cada história, foram utilizados exemplos do cotidiano como o quintal da casa dos estudantes dando uma retomada sobre o ecossistema (fauna e flora; fatores bióticos e abióticos) conteúdo dado anteriormente. Os alunos também fizeram em casa ilustrações da lenda *A mula sem cabeça* e *A história do Jabuti*. Os desenhos ficaram ótimos e exercitaram ainda mais o conteúdo, para conseguir interpretar bem o mito.

Figura 4 - Mito: A mula sem cabeça



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

Figura 5 - Mito: A história do Jabuti



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

Os alunos foram questionados da seguinte forma: Vocês conhecem alguma lenda da comunidade?

“O capeta de fogo. Meu tio e dois amigos pegaram um gato, um pedaço de pano sujo de óleo diesel, amarraram no gato e colocaram/tacou fogo. Esse gato desceu aqui assim pra baixo e minha tia gritava: Ó cumade Secunda me acode! Olha o capeta de fogo aqui! Para minha tia Secunda, Ela tinha visto realmente um capeta de fogo, era uma coisa de outro mundo, ou seja, uma lenda, no entanto era apenas uma brincadeira de alguns amigos.”

“Sim, a de uma mulher que morreu e fazia medo às pessoas que passava por lá, dizem até que ela montou na garupa de um burro de um morador da comunidade e o animal empacou e não queria mais andar, era como se o burro tivesse sentindo algo de errado.”

Essa situação reflete a mesma encontrada por Lóssio (s/d, p.1) que diz “a cultura popular tem como essência o imaginário, que configura uma riqueza imprescindível [...]”. Esta colocação do autor vem ao encontro da temática dessa pesquisa (mitos e lendas), pois,

aborda a história e memória da comunidade, além de ser uma fonte para preservar e fortalecer a identidade dos ancestrais.

Segundo os alunos, as lendas causam medo e pavor à noite; É uma história que acontece em um devido lugar; É uma história geralmente contada pelos nossos pais, diz que se cortar unha na quaresma vira lobsomem; A lenda é uma história muito arrepiante que deixa as pessoas com muito medo. Para Lóssio (s/d, p. 1) “[...] as lendas são narrativas que enfeitam e caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo [...]”.

Tabela 5 – Mito e Ciência na lenda *A mula sem cabeça*

Lenda: A mula sem cabeça	
Mito	Ciência
<p>Não existe mula sem cabeça;</p> <p>Mula não derruba pessoas de um pé de árvore;</p> <p>Mula não tem cabeça de fogo;</p>	<p>Ecossistema: Fauna e Flora; Fatores bióticos e abióticos;</p> <p>Seres vivos em extinção: arara azul dentre outras: Analisar as espécies, habitats, alimentação, reprodução e ameaças; (não foi trabalhado em sala)</p> <p>Bioma cerrado a segunda maior formação vegetal brasileira é caracterizado pelos tipos de: solo, clima, vegetação, fauna, paisagens, ecologia e biodiversidades.</p> <p>Conceituar os modos culinários e medicinais do buriti; e a diversidade da vida em diversos campos da ciência (não foi trabalhado em sala).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Outra pergunta mobilizadora foi feita: Vocês já ouviram contar algum mito ou lenda em noite de lua cheia? Qual? E acham que é importante para o aprendizado de vocês? Os estudantes responderam que sim. Relataram mitos que também são momentos da história real da comunidade como a história de índios que andavam pela região e eram chamados de cumpadre; a do coelho e a onça. Um deles relatou: “meu avô Dinho morria de susto da história do lobo, aprendi que o medo cerca qualquer pessoa e que ninguém pode rir do outro.” Uma estudante disse: “a do homem que chocava ovos de galinha”. Outra estudante afirma: “faz parte da nossa cultura”. Um aluno destaca a do lobo mau que virava

lobisomem, e ainda enfatizou: “Se nós não aprender nossos filhos não vão saber dessas histórias.”

Por outro lado, para alguns dos adolescentes (re)contar as histórias através das leituras coletivas, interpretá-las e descobrir conteúdos do ensino de Ciências foi algo que demandou grande esforço, mas ao mesmo tempo viajavam nas imaginações e lembraram de tantas histórias que seus familiares contavam quando estavam reunidos a noite.

Em uma das aulas fez-se uma gincana com dois grupos, na qual os alunos se destacaram e superaram as expectativas de aprendizagem. Eles ainda destacaram a importância de transmitir esses saberes para as próximas gerações.

Tabela 6 – Mito e Ciência no mito *A história do Jabuti*

Mito: A história do Jabuti	
Mito	Ciência
Jabuti não conversa e nem dá conta de pegar ou carregar uma garrafa de azeite;	A importância medicinal do azeite da mamona; A relevância das parteiras tradicionais e o parto normal; (não foi trabalhado em sala de aula) As estações do ano; As mudanças climáticas; efeito estufa e demais fatores influenciados pela ação humana; Relatividade do jabuti;

Fonte: Elaboração própria.

Ainda no dia 21 de agosto de 2015, dando continuidade a aula, destacou-se a importância do azeite como uso medicinal para colocar no umbigo das crianças recém-nascidas para ajudar na queda do mesmo; dentre muitas outras atividades para a saúde: como limpar e soltar o intestino (laxante); dor no ouvido; desentupir as narinas; gripe; cólicas de criança, dentre outras funções importantes para a saúde humana.

Sobre esse mito foi destacado que ele é muito usado na comunidade quando alguém da família viaja e demora voltar, então se conta para reflexão a respeito de sua importância.

No final da aula coletiva praticou-se um pouco do que foi trabalhado com algumas indagações para os alunos: Os mitos são importantes, por quê?. Para os alunos os mitos e

lendas servem como exemplos de vida, trás mais conhecimento, são divertidos. Destacou-se os seguintes relatos:

“Porque os mitos que os nossos pais contam a gente leva pra vida toda”.

“Serve para lembrarmos da cultura dos nossos antepassados”.

E vocês conseguiram fixar os conteúdos dados em sala de aula usando os mitos e lendas? Explique. Uma aluna salienta que sim e que foi através das explicações e das histórias. Outra aluna ressalta: “aprendi o que são lendas e o que são mitos”.

Questionados sobre a importância desse saber tradicional para a família, eles responderam:

“Porque vem das famílias antigas até hoje”.

“Para passar para as novas gerações e seguir a tradição”.

“Porque nós podemos passar para as outras pessoas”.

“Para reunir a família como se fosse uma televisão -TV”.

“É importante para nós contarmos para os nossos filhos”.

Sobre a importância dos mitos e lendas para a comunidade? Uma aluna diz: “porque é a nossa tradição”. Outra relata “para não deixar as histórias acabar/morrer.” Outro diz: “para unir mais as pessoas.” Outro observou: “É por que os mais idosos contam para os seus filhos e seus filhos contam para os filhos.” Outro fortaleceu um importante ponto, chamando a atenção: “É importante para a comunidade viver mais unida.”

Os alunos reconhecem os valores desses saberes como forma de fortalecimento da cultura, além do enriquecimento no aprendizado na área da ciência, artes e português.

Mito 6 - A cobra motoqueira

Na aula no dia 24 de agosto de 2015, os alunos observaram os seguintes fatos mitológicos: A cobra conversando com o rapaz. Cobra não pilota moto, não faz gracinhas e muito menos rebola a sirueta. A cobra grudada no nariz do rapaz a ponto dele pedir ajuda para tirá-la. O medo foi tanto que o rapaz fez as necessidades nas calças.

Tabela 7 – Mito e Ciência no mito *A cobra motoqueira*

Mito: A cobra motoqueira	
Mito	Ciência
<p>A cobra conversando com o rapaz.</p> <p>Cobra não pilota moto, não faz gracinhas e muito menos rebola a sirueta.</p> <p>A cobra grudada no nariz do rapaz a ponto dele pedir ajuda para tirá-la.</p> <p>O medo foi tanto que o rapaz fez as necessidades nas calças.</p>	<p>A conservação dos habitats dos animais por que eles estão se deslocando por causa da degradação ambiental causada pelo próprio homem.</p> <p>Conscientizar quanto aos modos de lidar com animais não domesticados.</p> <p>Falar sobre a poluição ambiental pelos automóveis, industriais, combustíveis e outros tipos de gases que provoca o efeito estufa.</p> <p>O veneno da cobra, um animal do topo da cadeia; medo/fobia do rapaz (não foi trabalhado em sala).</p>

Fonte: Elaboração própria.

No mito *A cobra motoqueira* foi explorado alguns aspectos de ciências que são importantes para o aprendizado, como por exemplo: A conservação dos habitats dos animais, eles estão se deslocando por causa da degradação ambiental causada pelo próprio homem; conscientizar quanto aos modos de lidar com animais não domesticados. Falar sobre a poluição ambiental através do dióxido de carbono (CO₂) emitido na atmosfera pelos automóveis, indústrias, combustíveis e outros tipos de gases que provoca o efeito estufa sendo o causador do aquecimento global.

A cobra coral é um animal do topo da cadeia que é considerada uma das mais venenosas do Brasil em função da alta toxicidade do seu veneno. Os venenos de cada grupo de cobra são bem diferentes e para cada tipo, tem soros modificados/variados porque cada cobra tem reações adversas em seus efeitos de veneno. A picada da cobra coral verdadeira gênero (*Micrurus sp.*) da família (Elapidae) é mortal, já as corais falsas são menos perigosas, mas de qualquer forma, fique longe destes animais peçonhentos. Há um velho ditado que diz: “Vermelho com amarelo perto, fique esperto” “Vermelho com preto ligado, pode ficar sossegado”, então, prevenir é melhor do que remediar.

Os estudantes ao ouvirem as histórias e desenhá-las participaram de um exercício que demandou ritmo, foco e muita diversão. Ao compreenderem que cada desenho tinha uma interpretação diferenciada se empolgavam ao ver o resultado das suas próprias ilustrações.

Figura 6 - Mito: A cobra motoqueira



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

Mito 7 - O irmão sem teto

Na aula do dia 25 de agosto salientou-se as seguintes compreensões da história *O irmão sem teto*, que mostra os dois lados da vida que são representados por duas classes: a trabalhadora e a burguesa que mantém o poder. Os latifundiários têm o poder porque tem capital, posição social, além de ser bem vistos pelos governantes. Já os trabalhadores que são o povo camponês, fica apenas como a mão de obra, enquanto os ricos lucram explorando sua força de trabalho. O campo é representado pelo camponês e suas lutas de vida. Sempre são rebaixados e humilhados por uma classe que tem domínio ideológico sobre as classes subalternas. Mostra também a plantação sem produtos químicos e de

qualidade. Tem também as grandes propriedades dos fazendeiros, que é a realidade do camponês hoje.

Quanto aos mitos podemos (alunos X professores) identificar: Só o cheiro da cebola não dá para fazer uma mulher perder um bebê. Arrancar o rabo da mula ao puxar-la da lama; O homem (Pedro) descer morro abaixo rolando e não acontecer nada com ele. O Pedro dormir no chiqueiro; Canga pé no pescoço do velho. Veredito do delegado em dizer para Pedro fazer um filho na mulher e depois devolvê-la ao seu marido, grávida; e em quando nascer rabo na mula você a devolve para o rapaz; rapaz descer o mesmo morro que Pedro desceu para vingar a morte de seu pai e assim ficaram quites.

Foi discutido ainda em ciências, com uma aula dia 25 de agosto, a conservação do meio ambiente (fazenda) e da vida (saúde): Horta orgânica - cultura da agricultura familiar para subsistência; Saberes e fazeres do agricultor familiar, desterritorialização dos sujeitos do campo e a luta pela terra. Conscientizar quanto aos modos de lidar com os grandes fazendeiros (latifundiários). As desigualdades sociais na luta contra-hegemônicas e por políticas públicas, ou seja, a luta de classes (esquerda e direita); A mula como meio de transporte na área rural ajudando o produtor em suas culturas de plantações levando os alimentos da roça para casa.

Na aula de Artes dia 25 de agosto, os alunos ilustraram as histórias para compor o trabalho de pesquisa. Além de desenharem, eles também pintaram cada mito. Nessas aulas percebe-se que os alunos gostam de contar histórias e de estudá-las em aulas multidisciplinares.

Figura 7 - Mito: *O irmão sem teto*



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

Tabela 8 – Mito e Ciência no mito *O irmão sem teto*

Mito: O irmão sem teto	
Mito	Ciência
Só o cheiro da cebola não dá para fazer uma mulher perder um bebê.	A conservação do meio ambiente (fazenda) e da vida (saúde): Horta orgânica - cultura da agricultura familiar para subsistência.
Arrancar o rabo da mula ao puxar ela da lama.	Saberes e fazeres do agricultor familiar, desterritorialização dos sujeitos do campo e a luta pela terra. Conscientizar quanto aos modos de lidar com os grandes fazendeiros (latifundiários).
O homem (Pedro) descer morro abaixo rolando e não acontecer nada com ele.	Os cuidados que a gestante precisa ter para cuidar de seu bebê (pré-natal). Estudar as gorduras de porco, elas fazem mal à saúde? (não foi trabalhado em sala).
O Pedro dormir no chiqueiro. Canga pé no pescoço do velho.	
Veredito do delegado em dizer para Pedro fazer um filho na mulher e depois devolvê-la ao seu marido, grávida.	
A mula nascer rabo.	
O rapaz descer o mesmo morro que Pedro desceu para vingar a morte de seu pai.	

Fonte: Elaboração própria.

Mito 8 - O grão de feijão

Ao trabalhar esta história *O grão de feijão* no dia 26 de agosto com uma aula interdisciplinar (Português, Ciências e Artes), percebeu-se a grande importância de levar novos modelos de desenvolver aulas conjuntas que elevem o aprendizado dos educandos. Os estudantes ouviram com atenção o mito e perceberam a contradição dentro da família

por causa do resultado obtido com as crianças, porém, não era isso que a madrasta esperava, no entanto recebeu uma lição de vida.

Além disso, têm os fatos mitológicos: O caroço de feijão não ter vitaminas, apenas o caldo tem substâncias vitais ao ser humano. O menino emagreceu por que estava se alimentando apenas do grão de feijão, e o outro menino engordou comendo o caldo do feijão.

Já no Ensino de Ciências há conceitos a serem valorizados. Ao estudar e trabalhar essa história percebe-se a importância do feijão e sua contribuição para o corpo humano, como fonte de nutrição e vitaminas necessárias à vida. Pode-se desenvolver aulas sobre as propriedades do feijão e quais as vitaminas presentes em seus grãos, além, de poder trabalhar a conservação das sementes criolas para fortalecer e garantir a qualidade da produção futura com sementes sem que sejam geneticamente modificadas. Assim, como as outras histórias mencionadas no texto esta também foi ilustrada pelos estudantes na disciplina de Artes.

Figura 8 - Mito: O grão de feijão



Fonte: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, 2015

Tabela 9 – Mito e Ciência no mito *O grão de feijão*

Mito: O grão de feijão	
Mito	Ciência
O caroço de feijão não ter vitaminas; apenas o caldo tem substâncias vitais ao ser humano.	A composição química do feijão e sua contribuição para o corpo humano, como fonte de nutrição e vitaminas necessárias à vida.
O menino emagreceu porque estava se alimentado apenas do grão de feijão, e o outro menino engordou comendo o caldo do feijão.	A conservação das sementes criolas para fortalecer e garantir a qualidade da produção futura sem precisar usar as sementes geneticamente modificadas.

Fonte: Elaboração própria.

Dia 26 de agosto em duas aulas fez-se um apanhado geral do que foi estudado nas aulas ministradas pela pesquisadora. Um questionário com 29 questões para fixação do aprendizado dos estudantes. Algumas dessas perguntas estão distribuídas no percurso das aulas dadas em cada história trabalhada em sala de aula com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental I.

Questões discutidas no final das aulas onde todas as histórias foram trabalhadas e desenvolvidas nesta pesquisa. Dentre elas: As pessoas mais idosas acham que é importante a transmissão de conhecimento? Por quê?

“Sim, porque as histórias são passadas de geração a geração”.

“Para os nossos bisnetos conhecerem”.

“Sim, é uma coisa que quando eles morrerem nós vamos nos lembrar deles”.

“Sim, eles querem preservar as histórias para nós contar para os nossos filhos”.

O que foi diferente nas aulas durante nossos encontros, o que mais chamou sua atenção? Explique.

“Foi estudar ciências, ainda não sabia sobre a cadeia e rede alimentar, tudo me chamou atenção”.

“Apreendi mais e conheci animais de topo de cadeia como a onça”.

“É mais divertido com dois professores (as), o mito me chamou atenção porque eu não sabia que tinha ciência dentro do mito”.

“Os mitos, porque é melhor além ta estudando ciência e português”.

“Eu gostei de pintar e desenhar as histórias dos mitos e lendas”.

Acha que tem algum conteúdo de ciência dentro das histórias mitológicas? Vocês conseguem identificar onde estão os mitos na história? Como? Uma aluna diz que sim, através de leitura e interpretação. Outra diz é lendo e prestando atenção, e assim foi o que todos educandos responderam.

Vocês gostaram de trabalhar usando essas histórias para o aprendizado de vocês na escola?

“Muito, somos crianças novamente”.

“Sim, elas trazem lições de vida”.

“Para descobrir mais coisas”.

“Sim, porque se alguém perguntar a nós o que é um mito a gente dá a resposta certa”.

“Aprendemos mais sobre a lenda e o mito”.

“Sim, Eu gostei porque é muito importante”.

O que acharam desse tipo de ensino em ciência? (escrevam o que realmente pensa)

“Foi uma experiência muito boa”.

“Aprendi muita coisa”.

“Bom, pois, nós aprendemos mais”.

“Eu achei bom porque trabalhamos em ciência, artes e português”.

Vocês gostaram de saber um pouco mais sobre os mitos e lendas da comunidade de São José? Os alunos responderam: Sim, porque é nosso lugar; para ver como vai transmitindo os mitos e lendas; porque têm coisas que não sabia e aprendi; porque tinha coisas que Eu não sabia; porque Eu não sabia o que era o mito; porque é nosso povoado/lugar. Matta (1981, p. 2) relata que a cultura “[...] é algo que está dentro e fora de cada um de nós [...]”, ainda reforça “[...] é algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vivem [...]”, portanto, percebemos que a cultura dos mitos e lendas tem um papel importante na construção da nossa sociedade.

Como vocês vêem a transmissão desse conhecimento na comunidade de São José?

“Por meio das pessoas da comunidade”.

“Pra não morrer estas histórias para as futuras gerações”.

“Vejo que todo mundo vai passando para outro, e assim vai indo”.

“Sempre quando a lua ta cheia os mais velhos contam mitos e também quando reúnem a família”.

Silva (s/d, p. 328) aborda que “[...] a memória é o processo de reelaboração de informações e experiências de vida” [...].

Vocês acham importante repassar esses mitos e lendas para as futuras gerações? Por quê?

“Sim, para que nunca se esqueçam das histórias das nossas gerações”.

“Para meus bisnetos aprender histórias novas”.

“Porque os mitos e as lendas vão renovando”.

“Para transportar de geração a geração”.

“Sim, porque se lembra das outras pessoas que já morreram”.

“Para os mitos e lendas serem reconhecidos”.

“Sim, porque Eu não quero que esses mitos morram ou acabam”.

Vocês acham que este conhecimento tradicional está se perdendo? Por quê?

“Sim, por nós não dar importância as antigas tradições”.

“Não, porque algumas famílias acreditam nessas histórias e aproveita para contar para os filhos”.

“Sim, porque as pessoas estão ficando muito desligada do passado”.

“Sim, porque as pessoas estão se mudando”.

“Sim, porque as pessoas sabem e não contam para as outras pessoas”.

“Porque as pessoas não passam para outra geração e eles tinham que ir falando/contando para os outros”.

Qual motivo está levando a perda desse saber? Uma aluna diz “o mundo intelectual”. Outra relata “alguns não importam com essas histórias da tradição e está acabando”. Um terceiro fala “a desunião da população”. Esse outro aluno salienta “a perda dos mais velhos”; “É não contar os mitos ou histórias”.

O último encontro se deu dia 27 de agosto de 2015 com três aulas. Uma gincana foi preparada para toda a turma e também uma dinâmica para finalização da pesquisa-ação. Os alunos já haviam estudado e estavam preparados para a gincana. Eles escolheram até os

nomes para os grupos, e as professoras estavam mediando esta prática. Os alunos convidaram os estudantes do 8º ano juntamente com o professor para assistirem a gincana, fazer a leitura do mural das ilustrações e participar da dinâmica final com todas as turmas (6º, 7º e 8º ano EF). Esta é mais uma intervenção interdisciplinar na Escola e as relações dos mitos e lendas com o Ensino de Ciências.

O primeiro momento foi uma introdução feita pelas educadoras explicando como iria acontecer a aula, sendo que a professora iria fazer uma pergunta para um grupo “A serpente” e em seguida para o outro “Os invencíveis”, se nenhum integrante respondesse, a questão era passada para o outro grupo e se ele não desse conta era repassada. Daí se não respondessem anulava a questão. Cada integrante podia responder duas questões apenas, e logo foi passada a palavra para os grupos que continuaram com a tarefa árdua de pensar o que seria perguntado a eles e qual seria a resposta.

As perguntas eram estas: O que é mito? O que são lendas? Qual é a importância do saber tradicional dos mitos e lendas para a família? O que é uma cadeia alimentar? O que é rede ou teia alimentar? Explique quem são os produtores, consumidores e os decompositores? O que é Biosfera? O que significa a palavra Biosfera? O planeta Terra é dividido em três esferas, quais são elas? Explique o que compõe a hidrosfera. Dê o conceito de atmosfera. O que é litosfera? Explique os fatores bióticos, dê exemplos. Conceitue os fatores abióticos, dê exemplos. O que é um ecossistema? Os ecossistemas são formados por dois componentes. Quais são eles?

No final da gincana todos estavam relaxados, pois, o resultado foi positivo. Os grupos foram bem, mas empataram. Por fim, realizou-se a dinâmica do desafio que tem como objetivo fazer as pessoas perceberem o quanto elas tem medo de desafios, no entanto, deu tudo certo.

Ainda nesta aula, socializou-se os desenhos/ilustrações feitas pelos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental na disciplina de Artes. Os desenhos foram representados através de um mural feito com a participação de todos (alunos e professores). Foi feita uma leitura coletiva dos mitos e lendas construídos pelos alunos da Escola Kalunga I da comunidade de São José, município de Cavalcante – Goiás.

O trabalho foi realizado de forma sucinta ajudando os alunos a entenderem outros processos formativos como a interdisciplinaridade, a realidade dos sujeitos históricos da comunidade valorizando os saberes e fazeres tradicionais. Fernandes ressalta que “o território camponês é o espaço de vida do camponês. È o lugar ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência [...]” (FERNANDES, 2012, P. 744).

Nessa linha os estudantes conseguiram assimilar os conteúdos trabalhados em sala de aula através dos mitos e lendas, desse modo aprenderam a terem um olhar crítico à respeito da realidade, compreendendo, fortalecendo e valorizando as culturas locais. Benjamin apud Saraiva (2010, p. 2) afirma “[...] a memória é a redenção da história. Esse é o maior desafio do trabalho com a memória, a possibilidade de ver a história ser reconstruída a partir de múltiplos olhares”.

Ao finalizar as aulas interdisciplinares indagou-se aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental: O que vocês acharam do modo do trabalho interdisciplinar? Gostaram? Uma aluna disse “nossa! Foi muito bom”, outro relata “é novidade”, outro diz “foi uma aula diferente, gostei muito, nunca tinha participado de uma aula assim”. Ainda relataram que acharam as aulas interdisciplinares diferentes e que desenvolveram bem no aprendizado, segundo eles foi uma inovação trabalhar com este tipo de aula interdisciplinar, outro relata que achou um pouco estranho, mas confessou que as aulas foram proveitosas.

Há um desafio para nós educadores das escolas campesinas, pois, articular o conhecimento dos educandos a partir de sua realidade e trazer esses conhecimentos para o campo da ciência é “uma grande potencialidade de dimensões formativas que foram separadas pela cultura fragmentada e individualista do capital, embora, na vida real, estejam articuladas e imbricadas” (MOLINA e SÁ, 2012, p. 329).

De acordo Haddad (2012, p. 215) [...] “a educação pode ocorrer no âmbito familiar, na comunidade, no trabalho, junto com amigos, nas igrejas etc. Os processos educativos permeiam a vida das pessoas”. Cabe aos educadores (as) elaborarem estratégias metodológicas que favoreçam uma interatividade social entre os objetos de estudo e os alunos mostrando as diversas modalidades de atividades práticas. Bassoli (2014, p. 581) salienta, [...] “as concepções sobre a natureza da ciência subjacentes à atividade experimental em momentos históricos distintos, e alguns mitos, permeiam a realização das

atividades práticas no cotidiano escolar, empreendendo um diálogo com os referenciais teóricos da educação em ciências”.

Santos (2006, p. 7-8) afirma [...] “É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro” [...], o autor aborda a cultura em suas múltiplas dimensões e transformações em diferentes contextos sociais, entender esses contextos em cada realidade é uma conquista contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intuito contribuir para a educação *do e no* campo no sentido de trabalhar com uma temática sobre mitos e lendas à partir de uma abordagem interdisciplinar com foco na área de Ciências.

O trabalho implicou no registro de mitos e lendas da comunidade São José e foi fundamental para ajudar a compreender alguns desafios e problemas encarados no cotidiano da docência em relação ao trabalho interdisciplinar na Escola Kalunga I – Extensão João de Deus Coutinho. Vale esclarecer que para a construção deste trabalho de conclusão de curso foram apresentados pontos que norteiam a temática “Mitos e Lendas da comunidade de São José e suas contribuições para a educação do campo”.

A pesquisa foi realizada com alunos do 6º ano do ensino fundamental, onde foi observado a necessidade de terem algo de diferente que chamasse atenção dos educandos. Nessa linha, destaca-se e reflete a tamanha relevância de trabalhos interdisciplinares para o crescimento do aprendizado dos estudantes, e com isso despertou-se tanto nos alunos quanto na professora regente consciência crítica e reflexiva através de um “novo” método pedagógico de ensino.

Ainda nessa linha, a estratégia de pesquisa e ação aguçou ainda mais o nosso olhar como futuros educadores para os problemas relacionados à aprendizagem dos estudantes. Por um lado, os mitos aparecem no currículo referência na disciplina de português dos alunos do 6º ano. Por outro lado, os mitos permeiam nos conteúdos de ciências disfarçadamente (olhar crítico), além de poder fazer ilustrações fantásticas das histórias.

No entanto, identificamos um vácuo no ensino – aprendizagem por falta de articulação por parte dos educadores para elaborarem estratégias pedagógicas e metodológicas interessantes e suficientes para acentuar a criatividade dos educandos e superar as lacunas do ensino - aprendizagem. Os mitos e lendas é um instrumento valioso, ao qual os professores podem recorrer com a intenção de aprimorar as práticas pedagógicas do ensino multidisciplinar. Desse modo, pode-se afirmar que foi de grande importância a realização desta pesquisa acadêmica, pois, nos sentimos responsáveis em dar o melhor de

nós como educadores das escolas do campo, abrangendo as subjetividades dos sujeitos camponeses.

A pesquisa revelou que o trabalho interdisciplinar tem uma pedagogia de ensino que fortalece o aprendizado, além de ser uma forma de ensinar um contexto amplo fragmentos por área do conhecimento; assim, os estudantes assimilam com êxito os conteúdos ensinados e o educador não fragiliza o ensino de seus educandos.

Para os educadores do campo a pesquisa revelou que é necessário sempre aprimorar/buscar a relação entre teoria e a prática, o trabalho interdisciplinar, criando táticas para formar cidadãos capacitados para atuar no campo, estimulando camponeses desde jovens sobre a importância do seu conhecimento e tradição, e saber valorizar esses saberes.

REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, Mari de Nasaré (org). **Kalunga: histórias e adivinhações**. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2010.

BASSOLI, Fernanda. **Atividades práticas e o ensino-aprendizagem de ciência (s): mitos, tendências e distorções**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 20, n. 3, p. 579-593, 2014.

BRASIL/MEC/SEF. **Uma história do povo Kalunga**. Brasília: MEC, 2001, 120 p.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CANEDO, Daniele. **“Cultura é o quê?” – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador – Bahia – Brasil, 2009.

CASCUDO, Luís as Câmara. Lendas Brasileiras para jovens. Texto em PDF sem data, p. 91.

COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. Brasília, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina – DF. 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Território Camponês. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. ver. Ampliada. - Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

FERREIRA, Maria Jucilene Lima; MOLINA, Mônica Castagna. Desafios à formação de Educadores do Campo: tecendo algumas relações entre os pensamentos de Piastak e Paulo Freire. In: MOLINA, Mônica Castagna, (org). **Licenciaturas em Educação do Campo e o Ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do Trabalho Docente Interdisciplinar**. Brasília: MDA, 2014. 268 p. Série NEAD Debate; 23)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Ed, Paz e Terra, 1996.

HADDAD, Sérgio. Direito à Educação. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

LÓSSIO, Rúbia. **Lendas: Processo de Folkcomunicação**. Texto em PDF sem data, p. 13.

MATTA, Roberto da. **Você tem cultura?** Artigo publicado no jornal da Embratel, RJ, 1981.

PILLA, Christiana de Brenner. **Os contos, as lendas, as fábulas e os mitos como ferramenta para uma educação integral** / Memorial- Christiana de Brenner Pilla, Alto Paraíso de Goiás-GO, 2013. 107 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade aberta do Brasil, UAB / UnB. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5371/1/2013_ChristianadeBrennerPilla.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2015.

MOLINA, Mônica Castagna. Políticas Públicas. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. Texto impresso, apresentado na mesa-redonda “**História Oral e as tramas da subjetividade**” realizado no III Encontro Regional Sudeste de História Oral, Mariana, 12 a 14 de maio de 1999, 2000, p. 109-116.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro; LIMA, Antonia Silva de. **O mito na formação da identidade**. Texto em PDF sem data, p. 17.

RÊGO, Pedro. **Relações entre mito e ciência**. Universidade Fernando Pessoa: Edição Especial, 1998.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 7-8. - - (Coleção primeiros passos; 110)

SARAIVA, Regina F. Coelly F. **História, memória e identidade**. Brasília: FUP\UNB, 2010. Trabalho não publicado.

SÊGA, Christina Maria Pedrazza. **Tecnologia e interação: Mitos e simbolismos**. Comunicação e Espaço Público, Ano XI, nº 1 e 2, 2008, p. 13. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12175/1/ARTIGO_%20TecnologiaInteracaoMit os.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12175/1/ARTIGO_%20TecnologiaInteracaoMit%20os.pdf)>. Acesso: 29/11/2015.

SILVA, A. S. **Uso das plantas medicinais do cerrado na comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina – GO.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina – DF. 2013.

SILVA, Paulo Renato. **Memória, História e Cidadania.** Cadernos do CEOM – Ano 23, n. 32 – ETNICIDADES, s/d p. 327-346.

TRIPP, David. **Pesquisação-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

PESSOAS ENTREVISTADOS (AS) DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ

Adão Francisco Maia (43 anos), 2013
Adellídio Francisco de Torres (10 anos), 2013
Evaldino, agente de saúde (58 anos), 2013
Lourivaldo Batista de Souza Coutinho (53 anos), 2013
Luciene Alves Coutinho (48 anos), 2013
Marcelina Francisco da Conceição (65), 2013
Nelma Pereira Coutinho (12 anos), 2013
Sebastiana de Souza Coutinho (81 anos), 2013
Srº Sebastião Paulino da Silva (77 anos), 2013
Vintino Martins Gudinho (70 anos), 2013
Daniele Justiniano Lacerda (14 anos), 2014
Estudantes do 6º e 7ª ano do Ens. F. Do Colégio Calunga I, 2014
Isabel Ferreira Lustosa (38 anos), 2014.
Josemar Saraiva Freire (37 anos), 2014
Marcelina Gonçalves dos Santos da Silva (40 anos), 2014.
Srº Gabriel Coutinho Araújo (69 anos), 2014
Abenil Martins Gudinho, 2015
Aline Paulino dos Santos (11 anos), 2015
Alyverton Rodrigues de Deus Coutinho (11 anos), 2015
Clindio César Ferreira Gomes (11 anos), 2015
Clindio Ferreira da Silva (46 anos), 2015
Diolina Paulino de Souza (78 anos), 2015
Dorama Francisco Maia (27 anos), 2015
Gean Martins Godinho da Silva (11 anos), 2015
Katiele dos Santos Ferreira (11 anos), 2015
Lourdes Maria Ferreira (44 anos), 2015
Verônica Paulino da Silva (11 anos), 2015

ANEXOS

ANEXO I: PLANO DE AULA INTERDISCIPLINAR

Escola Estadual Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho (Escola Municipal)

Componentes Curriculares/Disciplinas: Ciência, Português e Arte.

6º ano do Ensino Fundamental **Turno:** Vespertino

Conteúdos Curriculares: Mitos e lendas da comunidade São José (Origem das histórias míticas em geral e Relação mito e ciência).

Carga Horária: 10 horas aula.

Ligação com inventário/realidade

Perceber as ligações entre as disciplinas através das histórias míticas.

Entender as formas que os mitos e lendas aparecem na comunidade e na sociedade em geral.

Observar e compreender as relações da escola com os mitos e lendas da comunidade de São José.

Objetivos Formativos – Valores/Formação Humana

Estimular relação entre estudantes e suas próprias histórias.

Valorizar o conhecimento geral sobre mitos e lendas.

Construir pensamentos conjuntos.

Relacionar conteúdos com diversas disciplinas.

Objetivos

Estimular o interesse da leitura, escrita, interpretação, debates e pelo trabalho interdisciplinar.

Analisar criticamente a importância desses mitos para a comunidade de São José

Dominar os principais conceitos sobre os mitos e lendas.

Compreender e valorizar as culturas tradicionais presentes na comunidade.

Saber identificar as histórias mitológicas da comunidade São José.

COMO

Tabela 10 - Aulas interdisciplinares do 6º ano - Ensino Fundamental - 2015

Data da aula	O que (conteúdo curricular)	Como (forma de trabalhar o conteúdo)
17/08 (2h/a);	Mitos e lendas da comunidade de São José	<p>Introdução explicar todo o processo do trabalho de pesquisa-ação, dizer que iremos trabalhar com oito mitos da comunidade.</p> <p>Explicar o método de ensino e os tipos de avaliações, o trabalho interdisciplinar; Falar da importância de trabalhar com mitos e lendas de forma geral até chegar à nossa comunidade como forma de fortalecimento da cultura;</p> <p>Fazer levantamentos dos conhecimentos prévios dos alunos sobre mitos e lendas para ver o que eles entendem do conceito e assim levantaremos alguns pontos para ser debatidos coletivamente. Explicar como esses mitos e lendas são relevantes para as comunidades tradicionais e também para outras comunidades. Questões para os levantamentos dos conhecimentos prévios:</p> <p>Pra vocês o que o mito? Vocês já ouviram falar em mitos e lendas? Já viram alguém contar histórias como os mitos/lendas em noites de lua cheia? Seus pais e avós já contaram alguns mitos pra vocês? Vocês conhecem algum mito? E acha que é importante para o aprendizado de vocês? Onde esses mitos são contados? Em qual ocasião?</p> <p>Finalizar a aula com agradecimentos pela atenção, colaboração e participação de todos. Avaliação oral do aprendizado: Fazer um diálogo com os alunos e perguntar o que acharam da aula, se gostaram de falar sobre os mitos e lendas da comunidade de São José.</p>
18/08 (1h/a);	Mito: <i>O animal assustador e A cuca e a arapuca</i>	<p>Ilustrar duas histórias mitológicas: <i>O animal assustador e a cuca e a arapuca</i>, além da leitura, interpretação na disciplina de português onde os alunos identificarão os mitos presentes na história e também o que há de conteúdos de ciências dentro das histórias. Serão feitas as seguintes perguntas: Os mitos são importantes. Por quê? E os colegas da comunidade sabem contar histórias mitológicas? Qual é a diferença do trabalho normal de ciências do trabalho com mitos e lendas?</p> <p>Finalizar com avaliação oral do aprendizado: Fazer um diálogo com os alunos e perguntar que diferença eles notaram na forma do trabalho interdisciplinar usando o mesmo conteúdo para várias disciplinas.</p>

19/08 (1h/a);	Mito: <i>O macaco e o coelho</i>	<p>Continuação das leituras das histórias com interpretações sobre o que há de mito e ciência na história feita pelos alunos; aprofundar os conteúdos curriculares de ciência especificamente para o 6º ano, além de ilustrar estas histórias: <i>O macaco e o coelho</i>. Faremos algumas indagações para os alunos, como: O que foi diferente do trabalho normal de Ciências trabalhar com mitos e lendas? O seu pai já contou quem é na sua família que conta essas histórias, você já tinha ouvido? Como que trabalhar mitos e lendas mexe com os alunos. O que mudou referente as outras aulas de Ciências?</p> <p>Obs: Se os alunos não conseguirem terminar as ilustrações deixar para que eles terminem em casa e que traga na próxima aula.</p> <p>Encaminhamento da próxima aula, continuação das aulas sobre mitos e lendas.</p>
20/08 (1h/a);	Lenda: <i>A mula sem cabeça</i> e o mito: <i>A história do Jabuti</i>	<p>Continuação com as histórias: <i>A mula sem cabeça</i> e <i>A história do Jabuti</i> nelas iremos estudar a fundo a importância desses mitos e lendas para a sociedade. Os alunos serão os protagonistas dessa aula, por que eles irão nos ajudar a interpretar as histórias, isso acontecerá com a divisão de dois grupos para estar identificando nos mitos e os conteúdos de ciência, cada grupo ficará com uma história e cada um terá que dar conta de sua história escrita na lousa. Na disciplina de artes cada grupo irá ilustrar sua história e entregar ao professor na próxima aula, além desta tarefa tem também a pesquisa de uma lenda da comunidade que os próprios alunos vão pesquisar e trazer para ser debatida na sala de aula juntamente com a professora pesquisadora.</p> <p>Encerramento da aula com avaliação da compreensão das duas histórias pelos dois grupos. Eles responderam as seguintes questões: Vocês se sentem alegres ou da risada quando ouvem um mito interessante? Por quê? E quando vocês vêem alguma ilustração sobre mitos? O que acham? É bom? Como se sentem? Vocês acham importante trazer esses mitos contados na comunidade para a sala de aula? Por quê?</p>
21/08 (1h/a);	As relações interdisciplinares	<p>Continuação da aula anterior. Explicar a relação e a ligação apresentadas nas disciplinas de Ciência, Português e Arte usando apenas um só conteúdo podendo ser desenvolvidos e trabalhados em sala de aula de maneira diferenciada e com mais ênfase. (Incluir todas as histórias em conteúdos de ciências fazendo uma retomada geral) e estimular eles a responderem essas questões: O que é ciência pra vocês? Acha que tem algum conteúdo de ciência dentro de uma história mitológica? Esse tipo de história é explorado na escola como uma forma de ensino e valorização das histórias tradicionais da comunidade? Vocês gostaram de trabalhar usando essas histórias para o aprendizado na escola? O que acharam desse tipo de ensino em ciência? Foi importante para vocês? Aprenderam algum interessante? Por quê?</p> <p>Mostrar para os alunos a diferença entre mito, lenda e suas</p>

		<p>relações com a ciência, além das relações interdisciplinares. Encaminhar as questões para a realização da gincana final (aula 10).</p> <p>Término da aula com a Avaliação: Perguntar aos estudantes se eles gostaram de trabalhar com os mitos e lendas da comunidade e também o que acharam do trabalho interdisciplinar, e a importância do ensino em ciências.</p>
24/08 (1h/a);	Mito: <i>A cobra motoqueira e A estória do grão de feijão</i>	<p>Realizar atividades em sala de aula para fixação dos conteúdos, tirando dúvidas e retomando o conteúdo das aulas anteriores para melhor compreensão do assunto. Avaliação: Verificar quem fez todas as atividades e também a participação dialogada. Questões apresentadas a eles para responderem: 1. Vocês acham importante trazer esses mitos contados na comunidade para a sala de aula? Por quê? 2. Qual é a diferença do trabalho normal de ciências do trabalho com mitos e lendas? 3. O que mudou referente às outras aulas de Ciências? 4. O que é Ciência pra vocês? 5. O que foi diferente nas aulas durante nossos encontros, o que mais chamou sua atenção? Explique. 6. Acha que tem algum conteúdo de ciência dentro das histórias mitológicas? Vocês conseguem identificar onde estão os mitos na história? Como? 7. Esse tipo de história é explorado na escola como uma forma de ensino e valorização das histórias tradicionais da comunidade? E vocês acham importante que os professores tragam essas histórias para trabalhar em sala de aula? Por quê? 8. Vocês gostaram de trabalhar usando essas histórias para o aprendizado de vocês na escola? 9. O que vocês como alunos acharam desse trabalho conjunto entre as disciplinas?</p> <p>Além disso, fazer leituras de mais duas histórias, sendo elas: <i>A cobra motoqueira</i> e <i>A estória do grão de feijão</i>, para eles ilustrarem em casa por que o tempo em sala é muito reduzido.</p> <p>Encerramento da aula lembrando a eles para estudarem todo o conteúdo visto e estudado em sala para estarem preparados para a gincana final.</p>
25/08 (1h/a);	Mito: <i>O irmão sem teto</i>	<p>Correção das atividades passada na aula anterior.</p> <p>Ainda nesta aula vamos trabalhar com a arte ilustrando a última história mítica da comunidade de São José, a do <i>O irmão sem teto</i>. O historiador contará a história e depois eles vão ilustrar. Avaliação: Individual nas interpretações das histórias em forma de desenhos, além de dar mais reforço nas questões norteadoras da pesquisa sobre mitos e lendas da comunidade de São José. Questões para debate coletivo: 1. O que acharam desse tipo de ensino em ciência? (escrevam o que realmente pensa) 2. Vocês conseguiram fixar os conteúdos dados em sala de aula usando os mitos e lendas? Aprenderam algum novo? Explique. 3. Vocês gostaram de saber um pouco mais sobre os mitos e lendas da</p>

		<p>comunidade de São José?</p> <p>Breve explicação da próxima aula.</p>
26/08 (1h/a);	Socialização e leitura dos desenhos com os colegas	<p>Socialização das ilustrações feitas pelos estudantes explicando o porquê do desenho ilustrado. Esta tarefa ajudará os alunos a fixar mais as histórias mitológicas da comunidade, através de debates e discussões feitas em coletivo entre educador e educando</p> <p>podemos fazer grandes debates em sala usando as imagens que os próprios alunos fizeram, além, de um questionário que irão responder individual sobre o tema: Mitos e lendas da comunidade São José, Cavalcante – Goiás: Possibilidade do trabalho interdisciplinar na escola do campo.</p> <p>Avaliação: Leitura da arte/imagens e as respostas do questionário. Fazer algumas perguntas que irão compor a nossa pesquisa: 1. Qual a importância desse saber tradicional para a família? 2. Qual a importância dos mitos e lendas para a comunidade? 3. Como vocês vêm a transmissão desse conhecimento na comunidade de São José? 4. Vocês acham importante repassar esses mitos e lendas para as futuras gerações? Por quê? 5. Vocês acham que este conhecimento tradicional está se perdendo? Por quê? 6. Qual motivo está levando a perda desse saber? 7. Você conhece um mito ou uma lenda? Descreva e identifique o que mito e o que é ciência?</p> <p>Finalização da aula perguntando aos alunos o que ficou para eles do aprendizado durante todo o percurso das nossas aulas.</p>
27/08 (1h/a).	Gincana e dinâmica de finalização	<p>O educador dará as orientações de como conduzir a gincana. Fazer a separação dos grupos e iniciar a gincana.</p> <p>Encerramento das aulas com uma dinâmica agradecendo a todos: Alunos, professora regente e funcionários da escola pelo apoio que me deram no percurso deste trabalho de pesquisa-ação na Escola Estadual Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho.</p>

Fonte: Elaboração própria

**ANEXO II: MURAL DAS ILUSTRAÇÕES DAS HISTÓRIAS E SOCIALIZAÇÃO
COM AS TURMAS DO 7º E 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Figura 9 - Estudantes do 6º ano do Ensino Fudamental



Fonte: A autora, 2015

Figura 10 – Alunos do 6º ano fazendo a leitura do mural de desenhos



Fonte: A autora, 2015

ANEXOS III: FOTOS DA ESCOLA E DA COMUNIDADE SÃO JOSÉ

Figura 11 - Atividades desenvolvidas na Escola Municipal e Estadual - Esporte (Queimadas) – brincadeiras pedagógicas no pátio da Escola e no barracão público



Fonte: A autora, 2013.

Figura 12 - Estudantes no pátio da Escola brincando na hora do recreio



Fonte: A autora, 2013

Figura 13 - Mapa da comunidade de São José mostrando a entrada pelo Engenho Queimado e a da entrada pela firma Zeus



Fonte: A autora, 2013

Figura 14 – Placa da entrada do Povoado São José pelo Engenho Queimado



Fonte: Maria Lúcia Gudinho, 2014

Figura 15 - Comunidade de São José



Fonte: A autora, 2013